



**Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas**

**2014**

**Luís Muteli**

**ESTUDO PERCEPTIVO DAS CONSOANTES OCLUSIVAS EM  
NAMPULA**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob orientação científica das Professoras Doutoradas Lurdes de Castro Moutinho e Rosa Lúcia Coimbra, do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

**dedicatória**

Dedico este trabalho à minha esposa, aos meus filhos, aos meus irmãos, aos educadores de ontem, de hoje e de sempre.

## **o júri**

presidente	Professor Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais, Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro
vogal	Professor Doutor Nobre Roque dos Santos, Reitor, Universidade de Zambeze (Unizambeze)
arguente principal	Professora Doutora Maria Luísa Álvares Pereira, Professora Auxiliar com Agregação, Universidade de Aveiro
vogal orientadora	Professora Doutora Lurdes de Castro Moutinho, Professora Associada, Universidade de Aveiro

**agradecimento**

Na elaboração desta dissertação, muitas pessoas, directa ou indirectamente, contribuíram para o sucesso do trabalho. Em reconhecimento desse apoio, endereço os meus agradecimentos:

- Ao Director do curso, Professor Doutor Carlos Morais, pela paciência e pela qualidade do trabalho que tem prestado;
- Às minhas supervisoras, Professoras Doutoras Lurdes de Castro Moutinho e Rosa Lídia Coimbra pelo grande apoio prestado durante a elaboração do trabalho;
- A todos os docentes da Universidade de Aveiro, em especial aos do Departamento de Línguas e Culturas;
- À Reitoria da UniZambeze, que gentilmente criou condições para o decurso das nossas aulas presenciais;
- Aos bibliotecários que sempre disponibilizaram as obras que serviram de fontes para que este trabalho se tornasse numa realidade;
- Aos professores e alunos da Escola Secundária de Meconta pelo fornecimento de textos e materiais linguísticos que serviram de objecto de estudo;
- A todos aqueles que me deram apoio quer no período de aulas, quer no momento da elaboração da dissertação.

palavras-chave

Ensurdecimento, falantes, factores, erros ortoépicas e fonética.

resumo

O presente trabalho centra-se no comportamento linguístico dos falantes da língua portuguesa na província de Nampula, no concernente ao ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras [b], [d] e [g]. Constitui objectivo geral investigar o fenómeno de ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras na província de Nampula e são objectivos específicos: comparar o sistema linguístico do Emakhuwa com o do Português; analisar o discurso dos falantes; propor estratégias de superação do problema. Escolheu-se esta temática do âmbito fonético, porque o ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras é muito frequente por parte dos falantes cuja língua materna é Emakhuwa. Estes falantes não só cometem erros ortoépicas, mas também escrevem erradamente. São factores do ensurdecimento das consoantes em estudo influência da língua emakhuwa, falta de conhecimento da fonética e da fonologia, falta de valorização da oralidade nas escolas moçambicanas, existência de professores bilingues, falta de ensino do abecedário português nas escolas, falta de hábitos de leitura, falta de contacto com o português europeu e falta de exigência por parte de professores. Esta dissertação apresenta cinco capítulos. No primeiro, apresentamos a importância do trabalho, a metodologia, os bantu e as suas línguas e o aparecimento da língua portuguesa em Moçambique. No segundo, são apresentados alguns aspectos teóricos, no terceiro, faz-se a análise dos dados, no quarto, são descritos os factores de ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras e no quinto, estão patentes as conclusões. Na parte final são apresentados a bibliografia e os anexos.

**keywords**

Unvoicing, speakers, factors, error of pronunciation, phonetics.

**abstract**

The present dissertation is concerned with linguistic behaviour of people who speak Portuguese in Nampula province, focused on the unvoicing of the plosives consonants [b], [d] and [g]. The main objective of the present work is to investigate the phenomenon behind the unvoicing of the consonants mentioned before. The specific objective is to compare the linguistic systems of Emakhuwa

language with Portuguese, analyze the speech of both: Portuguese and Emakhuwa speakers, propose strategies on how to overcome the presented problem. The present topic was chosen because this problem is more frequent with people who have Emakhuwa as their mother tongue, bearing in mind that they also commit many orthographic errors. The factors of deafness on the consonants mentioned above are the following: the influence of Mother tongue, lack of knowledge about phonetics and phonology, lack of oral practice in many mozambican schools, existence of bilingual teachers, no teaching of alphabet from Portuguese and lack of demand from teachers to students. The present dissertation has five chapters. In the first chapter there are presented the importance of the work, the methodology, the bantu and their languages, the raise of Portuguese language in Mozambique. The second chapter is compiled with some theoretical aspects, the third chapter we have the data analysis, on the fourth chapter there are described the factors of unvoicing on the consonants in study and the fifth chapter we have the conclusion. Finally, the last part is included the bibliography and the attachments.

:

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AFI – Alfabeto Fonético Internacional

IPA – International Phonetic Alphabet

NELIMO – Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas actualmente Centro de Estudo de Línguas Moçambicanas

SNE – Sistema Nacional de Educação

TV - Televisão

PE – Português Europeu

RTP - Rádio e Televisão Portuguesa





## ÍNDICE

### CAPÍTULO I - REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

1 – A importância do trabalho	
2 – Metodologia	5
3 – Os bantu e as suas línguas	6
4 – O aparecimento da língua portuguesa e Moçambique	10

### CAPÍTULO II – ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS

1 – Definição de conceitos	13
2 – Estudo comparativo dos alfabetos do emakhuwa e do português	16
2.1– Sistema ortográfico do emakhuwa	16
2.2 – O alfabeto português	18
2.3 –O alfabeto fonético internacional	20

### CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS

1 – Introdução	22
2 – Apresentação e descrição das consoantes do português	22
3 – Análise das frases produzidas pelos alunos	25
4 – Análise de textos escritos pelos alunos	31

5 – Síntese do tratamento dos dados: uma análise quantitativa	37
5.1- Oralidade	37
5.2- Ortografia	40
5.3- Conclusão	43

#### CAPÍTULO IV – FACTORES DE ENSURDECIMENTO DE CONSOANTES SONORAS OCLUSIVAS

1 – Influência da língua materna	45
2 – Falta de conhecimentos da fonética e da fonologia	46
3 – Falta da valorização da oralidade nas escolas moçambicanas	48
4 – Existência de professores bilingues	49
5 – Falta de ensino do abecedário nas escolas	50
6 – Falta de hábito de leitura	51
7 – Outros factores que influenciam o ensurdecimento das consoantes sonoras	52
8 – Sugestões	53

#### CAPÍTULO V – CONCLUSÕES

56

#### BIBLIOGRAFIA

58

#### ANEXOS

61

## CAPÍTULO I - REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

### 1 - A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

O tema a ser estudado reveste-se de capital importância tanto para os aprendentes como para a comunidade em geral, porque o ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras é um fenómeno que ocorre frequentemente nas províncias de Nampula, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia, ou seja, onde Emakhuwa é língua materna. Segundo Prata (1990: IX), “as consoantes **b**, **d**, **f**, e **g** são de emprego muito restrito, usando-se em palavras oriundas do português e de outras línguas, sobretudo do árabe e suahili”.

Segundo Firmino (1989:99), “os falantes de Emakhuwa tendem a ensurdecer as oclusivas bilabial e linguodental [b] e [d], respectivamente, realizando-as, portanto, como [p] e [t], respectivamente. Na referida língua aquelas oclusivas sonoras não existem embora nela ocorram sons próximos de [p] e [t] - oclusivas surdas – que se distinguem das outras no vozeamento. Daí a tendência para o ensurdecimento de [b] e [d]”.

Assim, todos os falantes da língua Emakhuwa aplicam com dificuldades estas consoantes oclusivas sonoras ( **b**, **d** e **g** ). Poucos estudos foram feitos a respeito deste fenómeno de ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras, embora ponha em causa a comunicação e a escrita em português, tanto na sala de aula como fora dela.

Este fenómeno fonético na província de Nampula e nas províncias anteriormente mencionadas afecta as consoantes oclusivas orais sonoras [b], [d] e [g] consistindo, assim, na perda da propriedade do vozeamento ou da sonoridade (características acústicas decorrentes da vibração das cordas vocais) que as caracterizam. Por outras palavras, as consoantes inicialmente sonoras ou vozeadas passam a ser surdas ou não vozeadas.

Neste momento, pretende-se fazer um trabalho mais aprofundado para perceber a

essência do problema, levar à tona os factores que influenciam o ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras e propor estratégias para a superação do problema.

O uso de qualquer língua exige necessariamente o conhecimento das regras que devem ser respeitadas pelos falantes, por isso cada língua tem a sua gramática, a sua estrutura e a sua Fonética próprias. Assim, encontramos a Fonética do Português, do Inglês, do Francês. A língua pode ser utilizada através da fala ou da escrita. Seja qual for a modalidade, o falante deve ter a consciência de que há regras que regulam o uso de qualquer língua, logo, cada um deve obedecer à ortoépia (correcta pronúncia) e à ortografia (correcta escrita), quando fala ou escreve uma língua.

O Português falado e escrito em Moçambique sofre muitas alterações, o que provoca o cometimento de vários erros ou desvios. Neste trabalho importa não só fazer um estudo minucioso de erros ortoépicos cometidos por falantes do Português na província de Nampula, os quais têm como língua materna o Emakhuwa, bem como estudar o impacto destes erros ortoépicos na escrita.

Escolheu-se esta temática do âmbito fonético, porque o ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras é muito frequente por parte dos falantes cuja língua materna é Emakhuwa. Estes falantes não só cometem erros ortoépicos, mas também escrevem erradamente, portanto, muitas vezes, escrevem como falam, como podemos observar nas seguintes frases:

- |   |                       |
|---|-----------------------|
| 1- O João [p]ateu na criança.           | - por <i>bateu</i>    |
| 2- O Mário [t]eu um livro ao filho.     | - por <i>deu</i>      |
| 3- O [k]alo do meu vizinho canta muito. | - por <i>galo</i>     |
| 4- O senhor [p]ernar[t]o é meu vizinho. | - por <i>Bernardo</i> |

Como nas escolas não ensinam a Fonética e a Fonologia, este trabalho será uma alternativa para que os alunos saibam distinguir as consoantes oclusivas sonoras das surdas. Os alunos saberão relacionar a letra com o seu respectivo som, algo que

muitas vezes não ocorre e, segundo o estudo feito em Moçambique, não há ensino do alfabeto nas classes iniciais, embora existam grupos heterogêneos de alunos, ou seja, uns alunos entram na escola sabendo falar o Português e outros não.

Os professores prestam mais atenção aos erros ortográficos do que aos erros ortoépicas e não tomam em conta o impacto que estes têm na escrita.

Com este trabalho pretende-se também descobrir a influência que a língua materna (Emakhuwa) exerce na língua<sup>2</sup> (Português).

Estas interferências fonéticas criam ruídos na comunicação, sobretudo quando uma pessoa da província de Nampula fala com um indivíduo que vem do centro ou do sul do país e torna-se pior ainda quando fala com um estrangeiro.

Por exemplo:

- |   |                      |
|---|----------------------|
| 5- O com[p]oio partiu às cinco horas.     | - por comboio.       |
| 6 - Comprei [t]ois[t]iscos de música.     | - por dois e discos. |
| 7 – O Paulo fala bem a lín[k]ua francesa. | - língua.            |

## **2 – METODOLOGIA**

Este problema ocorre tanto na sala de aula como fora dela. É a nossa percepção que as pessoas cometem estes erros independentemente da idade ou do nível académico do falante. Por este motivo, para a obtenção de dados foi necessário tomar em conta a leitura oral de textos e de frases feitas por alunos, conversas informais, debates realizados na sala de aula e textos escritos pelos alunos para identificar os erros ortográficos por eles cometidos em resultado da influência da língua Emakhuwa.

Tomando em consideração que o ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras ocorre por influência da língua materna Emakhuwa, no acto da pesquisa foi necessária a formação de dois grupos de falantes: um grupo com conhecimentos prévios do Português e outro sem esse conhecimento.

Para garantir a eficácia do trabalho, o estudo centrou-se num grupo de homens, pois nas mulheres estas dificuldades não são muito notórias. Para além de trabalhar com os alunos da décima segunda classe, com idades compreendidas entre os 18 e 20 anos, foi necessário também analisar o discurso dos professores que trabalham com o pesquisador com vista a demonstrar que não são apenas os alunos que cometem estes erros. Até certo ponto, pode afirmar-se que os professores formatam a maneira de falar dos seus alunos, daí a necessidade de considerar, neste trabalho, os discursos produzidos pelos docentes.

Durante a elaboração deste trabalho tomamos em conta os dois contextos de realização em que as consoantes [b], [d] e [g] podem ocorrer: um em posição inicial como exemplo: botão, dentro, gato outro em posição medial como é o caso de: pombo, pedra, engolir. Na elaboração deste trabalho, foi necessária a consulta de obras de Linguística de Português e da língua Emakhuwa, concretamente, de Cunha e Cintra (2002), Mateus et al. (2003), Faria et al. (1996), Ngunga e Faquir (2011) Gallisson e Coste (1983) e NELIMO (2009). Importa salientar que nem todos os que falam as línguas bantu cometem estes erros e nem todos os moçambicanos apresentam estas dificuldades. Portanto, são apenas os falantes da língua Emakhuwa que apresentam estas dificuldades de pronúncia das consoantes em estudo.

Segundo se disse anteriormente, com este trabalho de investigação, pretendemos estudar os factores que influenciam o ensurdecimento das consoantes sonoras [b], [d] e [g], tendo sido, neste caso, utilizada a pesquisa explicativa com base em análise de corpora, sem deixar de lado a pesquisa bibliográfica.

### **3 - OS BANTU E AS SUAS LÍNGUAS**

Para a boa compreensão deste tema, torna-se imperioso apresentar um breve historial sobre os povos que habitam a África Sub-Equatorial, bem como as características das suas línguas, dado que a língua Emakhuwa é de origem bantu.

Os Bantu formam um conjunto de povos que habitam a África a Sul do Equador.

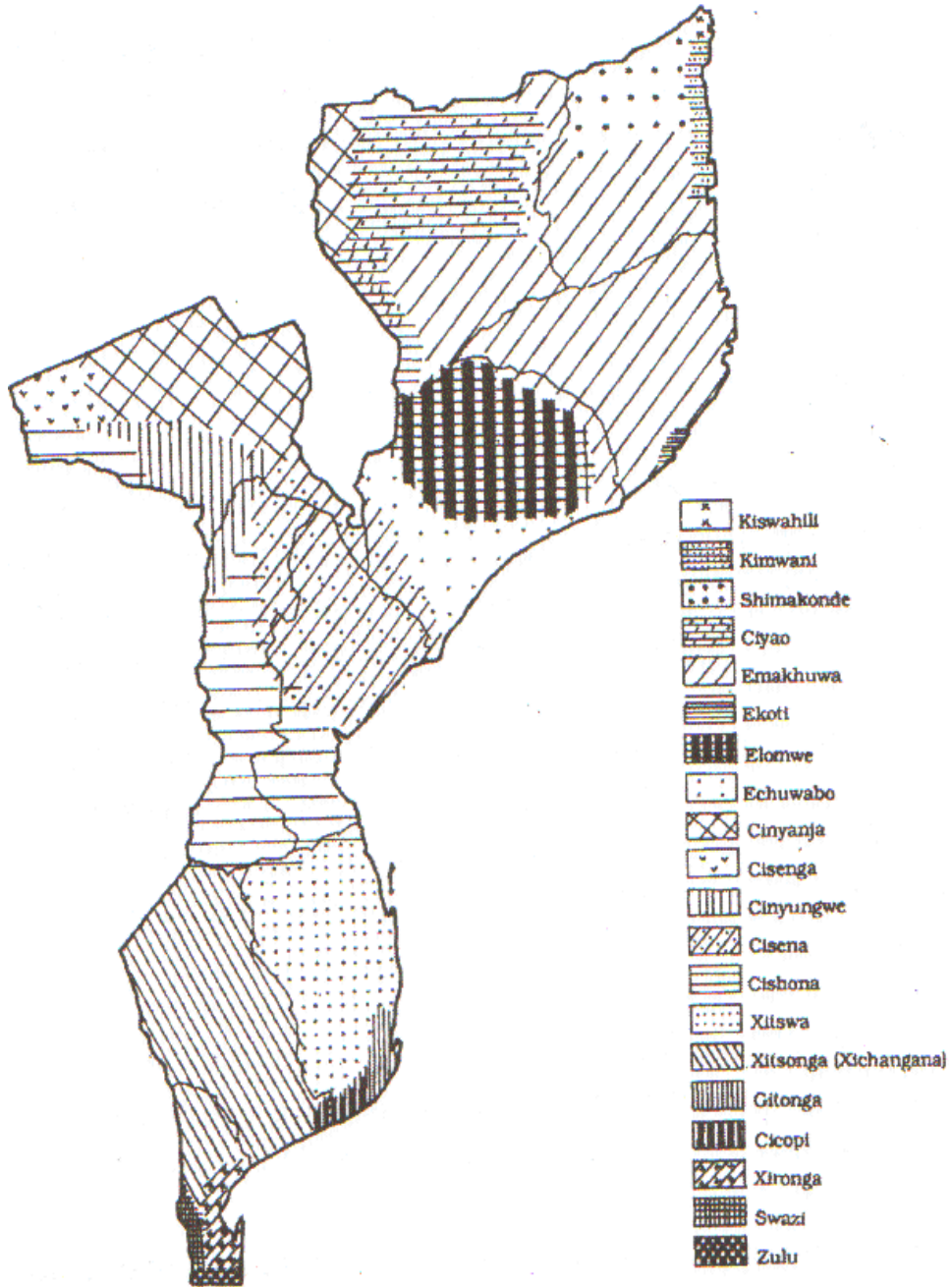
Estes povos foram todos originários de uma mesma região e as suas línguas têm todas uma mesma origem e portanto, características comuns. Por exemplo, o plural nas línguas bantu forma-se no início das palavras e não no fim como acontece na língua Portuguesa. Vejamos as seguintes palavras da língua Emakhuwa: *ehopa* (peixe), *ihopa* (peixes); *muthu* (pessoa), *athu* (pessoas); *nihiku* (dia), *mahiku* (dias). Outra particularidade, na língua Emakhuwa não é apenas um morfema que introduz o plural. Nas palavras exemplificadas, os morfemas **i**, **a** e **m** introduzem respectivamente o plural das palavras *ehopa*, *muthu* e *nihiku*.

A maioria dos moçambicanos, tanzanianos, angolanos e outros povos da África Sub-Equatorial são Bantu.

Actualmente encontramos em Moçambique uma mistura heterogénea de populações. Portanto, para além da população de origem bantu, vivem também os portugueses, os indianos, os chineses, os malianos, os nigerianos e outros.

Seguidamente, apresentamos o mapa de distribuição das línguas moçambicanas segundo Ngunga (2004):

Figura 1





De acordo com este mapa, em Moçambique são faladas as seguintes línguas: Kishuahiliu, Kimwane, Shimakonde, Ciyao, Emakhuwa, Ekoti, Elomwue, Echuwabo, Cinyanja, Cisenga, Cinyungwe, Cisena, Cishona, Xitsua, Xitsonga (Xichangana), Gitonga, Cicopi, Xironga Suazi e Zulu.

De acordo com Stroud e Tuzine (1998:265), apresentamos o seguinte quadro da distribuição das línguas moçambicanas pelas províncias onde são faladas:

**Quadro 1**

<b>Língua</b>	<b>Província</b>
Xironga	Maputo
Xichangana	Gaza
Cicopi	Gaza, Inhambane
Gitonga	Inhambane
Xitswa	Inhambane
Shona (Korekore, Manyika, Ndau, Tawara, Tewe)	Sofala, Manica, Tete
CiBarwe (Cibalke)	Manica
Sena	Sofala, Zambézia, Tete
Kunda	Tete
Echuwabo (+Marenje)	Zambézia
Elomwe	Zambézia
Emakhuwa (+Lomwe)	Nampula, Cabo Delgado, Niassa
Ekoti	Nampula
Cinyungwe	Tete
Nsenga	Tete
Ciyao	Niassa
Cinyanja	Zambézia, Tete, Niassa
Shimakonde	Cabo Delgado
Kimwani	Cabo Delgado

**Fonte:** Stroud e Tuzine (1998:265).

Tomando em conta os dados patentes tanto no mapa de distribuição linguística como no quadro que acabámos de apresentar, podemos concluir que Moçambique é um país marcadamente multilingue. De igual modo, todas as províncias de Moçambique são também multilingues, pois em nenhuma província se fala uma única língua. Para além do Português que é falado em todo o país, veja-se as línguas faladas em cada província:

- 1-**Cabo Delgado** – Kimwane, Emakhuwa, Shimakonde;
- 2-**Niassa** – Emakhuwa, Ciyao, Cinyanja;
- 3-**Nampula** – Emakhuwa e Ekoti;
- 4-**Zambézia** – Cinyanja, Emakhuwa, Echuwabo (+Marenje), Elomwe e Sena;
- 5- **Sofala** – Sena, Shona (Korekore, Manyika, Ndau, Tawara, Tewe);
- 6- **Tete** – Cinyungwe, Nsenga, Cinyanja, Kunda e Sena;
- 7-**Manica** - Shona (Korekore, Manyika, Ndau, Tawara, Tewe) e CiBarwe (Cibalke).
- 8-**Inhambane** – Xitswa, Gitonga e Cicopi;
- 9-**Gaza** – Xichangana e Cicopi;
- 10- **Maputo** – Xironga e Zulu

Em seguida, torna-se pertinente falar, de forma sumária, do aparecimento da Língua Portuguesa em Moçambique.

#### **4 - O APARECIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE**

Em 1498, os Portugueses, a caminho da Índia, visitaram pela primeira vez o Oceano Índico bem como as margens que o protegem.

Segundo Gonçalves (2000) –“A chegada dos primeiros portugueses a Moçambique data de finais do século XV: 1498 é o ano da chegada de Vasco da Gama a

Moçambique, podendo dizer-se que, a partir desta data, estão lançadas as bases histórico-sociais para o uso do Português nesta região do globo. Contudo, a forma como foi conduzido o processo de colonização pela potência colonial teve como principal consequência que só no início do século XX esta língua se torna um efectivo meio de comunicação para algumas camadas da população moçambicana”.

A partir deste momento, o Português passou a ser uma língua de prestígio e um idioma que todos gostariam de falar. Portanto, passou a ser uma língua da elite ou dos assimilados.

Neste momento, Moçambique está entre os países onde o Português tem o estatuto de língua oficial, sendo falado essencialmente como língua segunda. Em Moçambique, o Português é ainda o veículo de aquisição de conhecimentos científicos e é, em todas as escolas, uma disciplina de ensino. Por outro lado, esta língua é factor de unidade nacional.

Vejamos os falantes da língua portuguesa em Moçambique nos contextos urbano e rural:

De acordo com o censo de 2007: “50,4% - sabe falar português (contexto urbano: 80,8%; contexto rural: 36,3%); 12% - fala maioritariamente português em casa, 10,4% - considera o português sua língua materna. Sendo que esta percentagem em Maputo chega a 25%.” Importa falar também da população de Moçambique em geral, e da província de Nampula em particular.

Segundo o recenseamento geral da população e habitação de 2007, Moçambique tem uma população de 20.579.265, o que corresponde a um aumento de 27.8% em relação aos 16.099.246 enumerados no censo de 1997. O país é multilingue e multirracial de esmagadora maioria negra. A província de Nampula é a mais populosa de Moçambique com 4.076.642 habitantes. A língua dos nativos é Emakhuwa e é falada nos vinte e um distritos desta província.

Segundo NELIMO (2000:68), “a província de Nampula é aquela em que não existe outro grupo étnico (originário) que fale uma língua diferente de Emakhuwa. Este facto, aliado por um lado, à centralização geográfica de Nampula no âmbito das províncias em que se fala o Emakhuwa, e por outro à reconhecida inteligibilidade

mútua entre os falantes das diversas variantes, leva a que se tome a variante falada pelos nativos da região tradicionalmente conhecida por WaAmphula, como sendo a de referência para efeitos de padronização da escrita”.

Não obstante, importa salientar que se fala também a língua EKoti apenas no distrito de Angoche. Esta língua surge mais tarde com a presença dos árabes na costa de Nampula e podemos dizer que é crioulo da língua árabe.

## **CAPÍTULO II – AGUNS ASPECTOS TEÓRICOS**

### **1 - DEFINIÇÃO DE CONCEITOS**

Todo o trabalho de cunho científico exige, antes de mais nada, apresentar o suporte teórico como forma de explicar conceitos julgados pertinentes pelo autor. É por esta razão que apresentamos as definições dos conceitos fonética, fonologia, pronúncia, ortoépia, ortografia, consoantes sonoras e consoantes surdas, na óptica de alguns autores ou gramáticos.

Segundo Mateus et al. (1990:15), “é hoje inegável a necessidade de se possuírem conhecimentos de fonética para a apreensão do funcionamento da língua em áreas distintas. A linguagem humana falada, cuja riqueza e variedade a coloca a grande distância de todas as demais formas de comunicação, tem como principal interface o nível fónico. O interesse que desperta no mundo actual a investigação em síntese e reconhecimento de fala é uma das provas de que as tecnologias da informação não podem dispensar um desenvolvimento neste campo. Com mais razão ainda, em situação de ensino directo da língua materna ou estrangeira, os conhecimentos de fonética se tornam necessários”.

Segundo Faria etall (1996:26) “é a Fonética que se ocupa das propriedades dos sons da fala, do ponto de vista físico e do ponto de vista da sua produção e percepção. A Fonética ocupa-se, ainda, das relações entre essas propriedades e outras componentes da gramática das línguas, em particular a Fonologia, não havendo, na realidade, uma clara linha de demarcação a separá-la desta”.

Segundo Gallisson e Coste (1983:325), “Fonologia é a fonética funcional, é ciência da face funcional dos sons da linguagem humana, a fonologia estuda a função que desempenham os elementos fónicos da cadeia falada na comunicação. Nisto se opõe à fonética que estuda os mesmos elementos fónicos independentes da sua função linguística”.

Se a comunicação verbal oral ocupa posição cimeira na interacção entre os seres

humanos, no processo de ensino aprendizagem os professores deveriam controlar atentamente os discursos orais dos seus aprendentes. No entanto, os professores prestam mais atenção aos erros ortográficos do que aos erros ortoépicos. O aluno pode pronunciar mal as palavras ou os fonemas, os agentes de ensino não corrigem. O mais agravante é que nas escolas moçambicanas já não há provas orais no exame final, apenas a prova escrita é que dita a aprovação ou reprovação do aluno. Durante as aulas também os professores não avaliam a oralidade da mesma forma.

A pronúncia está associada à Fonética e à Fonologia e nesta dissertação ela constitui o ponto fulcral do trabalho. É a má pronúncia que provoca frequentemente o cometimento de erros ortográficos nas escolas.

De acordo com Gallisson e Coste (1983:301), “pronúncia é a maneira de produzir, de realizar os fonemas de uma língua e de traços prosódicos que na cadeia falada, acompanham a realização dos fonemas. Uma boa pronúncia não exige apenas que as características fonológicas dos fonemas sejam respeitadas. Ela supõe também um domínio dos esquemas da entoação, das regras de junção e de encadeamento dos fonemas. Se a pronúncia está devidamente ligada à articulação e, através desta, à fonética articulatória, ela mantém também relações estreitas com audição, portanto, com a fonética acústica”.

Se na escrita somos obrigados a respeitar a ortografia, isto é, a correcta escrita, é imperioso que todos os falantes respeitem também as regras da fala.

De acordo com o Dicionário Universal da Língua Portuguesa (2003:1101), “ortoépia é a parte da gramática que ensina a correcta pronúncia.”

A área muito crítica para além da ortoépia é a ortográfica. Os alunos cometem erros ortográficos trocando o **b** por **p**, o **d** por **t** e o **g** por **c**. Nas classes iniciais, os professores não explicam claramente que a diferença que existe entre estas consoantes é o facto de umas serem surdas e outras serem sonoras. Eles não ensinam de forma científica e na distinção destas consoantes dizem o seguinte: “t cortado e d barriga” e ao pronunciarem não fazem a diferença entre o **d** e **t**. Ao escreverem também não fazem essa distinção. Por vezes escrevem-nas indiferentemente.

Segundo Gallisson e Coste (1983:532) “ortografia é a maneira de escrever as palavras segundo um conjunto de usos e de regras definidas como norma para uma dada língua (ortografia correcta, erro de ortografia)”.

De acordo com Borregana (2000:40), “entende-se por ortografia a escrita correcta da língua, no seu estado actual. O que torna a ortografia complicada é o facto de a representação dos fonemas, em português como noutras línguas, não ser dotada de um rigor matemático. Assim:

- A mesma letra representa, por vezes, vários sons ou fonemas o que se vê nos exemplos: asa, soma, natas ( o s representa três sons diferentes: asa [´aza], soma [´soma], natas [´nata]”.

É evidente que os erros ortográficos sempre existiram e sempre existirão, mas os alunos do Ensino Secundário do segundo ciclo (11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classes) têm um nível de escolaridade elevado, logo devem escrever e falar com correcção.

Se bem que a essência desta dissertação seja fazer o estudo a nível perceptivo das consoantes oclusivas, começamos por apresentar a classificação das consoantes surdas e sonoras do Português.

Segundo Cunha e Cintra (2002:44), “são surdas as consoantes [p], [t], [k], [f], [s], [ʃ].

São sonoras as consoantes [b], [d], [g], [v], [z], [ʒ], [l], [ʎ], [r], [ʀ], [R], [m], [n], [ɲ]”.

Estes fonemas apresentam como característica o facto de se diferenciarem pelo traço de sonoridade. Os fonemas **/p/, /t/, /k/, /f/, /s/** e **/ʃ/**, são considerados surdos, uma vez que não apresentam vibração das pregas vocais quando produzidos. Por sua vez, os fonemas **/b/, /d/, /g/, /v/, /z/, /ʒ/, /l/, /ʎ/, /r/, /ʀ/, /R/, /m/, /n/, /ɲ/** são realizados com vibração das pregas vocais, sendo considerados, portanto, como fonemas sonoros.

## **2 - ESTUDO COMPARATIVO DOS ALFABETOS DO EMAKHUWA E DO PORTUGUÊS**

### **2.1 - SISTEMA ORTOGRÁFICO DO EMAKHUWA**

Na óptica de Borregana (2000:38), “as palavras são formadas por fonemas e que os fonemas são representados por letras ou grafemas. Ao conjunto de todas as letras dá-se o nome de alfabeto (ou abecedário) ”.

Os primeiros estudos da língua Emakhuwa foram levados a cabo pelo Padre A. Pires Prata. “Dado que a língua macua não possui alfabeto próprio e que os seus sons se identificam com os da língua portuguesa, conveio-se utilizar o alfabeto português, exceptuando as letras C e Q, que se substituem por K (1990:IX)”. O mesmo autor preconiza ainda a introdução das letras W e Y que na época não faziam parte do Português. Ora, este estudo não foi aprofundado e é susceptível de uma análise crítica. O Português é uma língua de origem latina, enquanto que o Emakhuwa é uma língua de origem bantu. Assim sendo, como é que os seus sons se podem identificar com os da língua portuguesa, dado que cada uma destas línguas tem os seus sons peculiares e o seu alfabeto próprio?

Actualmente as línguas moçambicanas já estão padronizadas e, por conseguinte, a língua Emakhuwa já tem o seu alfabeto.

Veja-se, no quadro 2, a lista das letras do alfabeto desta língua, segundo Ngunga e Faquir (2011: 76):



**Quadro 2 – Alfabeto da língua Emakhuwa**

GRAFEMA	NOME	DESCRIÇÃO E ILUSTRAÇÃO
A	A	Vogal central baixa. Ex: ovava “voar”
Aa	Aa	Vogal central baixa longa. Ex: maama “mãe”
C	Ce	Oclusiva palatal não vozeada. Ex: ocaca “zangar-se”
E	E	Vogal anterior média breve. Ex: epyo “semente”
Ee	Ee	Vogal anterior média longa. Ex: weepa “tamarinda (fruto)”
F	Fe	Fricativa lábio-dental não vozeada. Ex: ofya “queimada”
H	He	Fricativa glotal. Ex: ohela “meter ou pôr”
I	I	Vogal anterior fechada breve. Ex: ephiro “caminho”
Ii	Ii	Vogal anterior fechada longa. Ex: niino “dente”
K	Ke	Oclusiva velar não vozeada. Ex: waakela “rachar para alguém”
Kh	Khe	Oclusiva velar não vozeada aspirada. Ex: waakhela “receber”
L	Le	Lateral alveolar vozeada. Ex: olelo “hoje”
M	Me	Nasal bilateral vozeada. Ex: maama “mãe”
N	Ne	Nasal; alveolar vozeada. Ex: niino “dente”
Ny	Nye	Nasal palatal vozeada. Ex: onyoonya “aborrecido”
Ng	Nge	Nasal velar vozeada. Ex: ongonga “ressonar”
O	O	Vogal posterior média breve. Ex: nkhoji “corda”
Oo	Oo	Vogal posterior média longa. Ex: woova “ter medo”
P	Pe	Oclusiva bilabial não vozeada. Ex: epula “chuva”
Ph	Phe	Oclusiva bilabial não vozeada aspirada. Ex: ephula “nariz”
R	Re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: orupa “dormir”
S	Se	Fricativa alveolar não vozeada. Ex: osoma “ler”
T	Te	Oclusiva dental não vozeada. Ex: oteka “construir”
Th	The	Oclusiva dental não vozeada aspirada. Ex: otheca “descascar/bebida”
Tt	Tte	Oclusiva pós-alveolar não vozeada. Ex: otteka “abrir (guarda-chuva)”
Tth	Tthe	Oclusiva pós-alveolar não vozeada aspirada. Ex: ottheka “ofensa”
U	U	Vogal posterior fechada breve. Ex: orula “despir”
Uu	Uu	Vogal posterior fechada longa. Ex: oruula “fazer emergir”
V	Ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: ovava “voar”
W	We	Semi-vogal labial vozeada. Ex: wiwa “ouvir”
X	Xe	Fricativa palatal não vozeada. Ex: exima “massa”
Y	Ye	Semi-vogal palatal. Ex: oyara “Dar à luz”

Fonte: Ngunga e Faquir (2011: 76)

## 2.2 - O ALFABETO PORTUGUÊS

Segundo a Resolução da Assembleia da República n.º 26/91 sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, o alfabeto português é composto por 26 letras cada uma delas com uma forma maiúscula e outra minúscula:

- Maiúsculas: **A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z;**
- Minúsculas: **a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.**

Para além destas letras, é utilizado também o "C" cedilhado: **Ç** ou **ç**. Utilizam-se ainda os dígrafos rr, ss, ch, lh, nh, qu e gu.

Como podemos observar, o alfabeto da língua Emakhuwa é muito diferente do da língua portuguesa, embora Prata tenha afirmado que a língua Emakhuwa não possuía alfabeto próprio e os seus sons se identificavam com os da língua portuguesa. É evidente que há coincidência tanto em algumas letras como em alguns sons, mas uma língua é independente da outra. Há vários sons que existem na língua Emakhuwa, contudo, em Português não ocorrem. Exemplo: na palavra "ovaha" que significa dar, a letra "h" constitui um som, ao passo que em Português ao grafema "h" não corresponde nenhum som e não tem associado qualquer significado. Se observarmos atentamente o quadro do alfabeto da língua Emakhuwa, notaremos que o alfabeto desta língua é mais extenso e mais variado do que o alfabeto português, pois na língua Emakhuwa há mais grafemas, ou seja, existem grafemas nesta língua que não existem na língua portuguesa, como é o caso das vogais longas aa, ee, ii, oo, uu e os dígrafos kh, ny, ng, ph, th, tt, tth.

Olhando para o alfabeto português, podemos verificar que nele existem os grafemas/consoantes b, d, e g e que não existem no alfabeto da língua Emakhuwa. A essência do nosso estudo centra-se nestas três consoantes visto que os falantes

cuja língua materna é o Emakhuwa substituem estas consoantes pelas surdas correspondentes, quando falam a língua segunda (o Português), precisamente porque elas não existem no seu sistema.

Em seguida, torna-se pertinente apresentar o alfabeto fonético internacional, o qual vai permitir relacionar o grafema com o respectivo som, podendo ser utilizado em exercícios de ortoépia para melhorar a pronúncia.

Segundo Faria et al. (1996:122) “ a consciência da necessidade do estabelecimento de um sistema notacional que obtivesse a aceitação geral por parte da comunidade científica levou, no fim do século passado, à proposta de um alfabeto fonético único por parte da Associação Internacional de Fonética”.

Assim, o conhecimento do AFI é deveras importante porque este sistema estabelece a norma de pronúncia de fonemas e de transcrição fonética, evitando que cada falante de uma determinada língua invente a sua maneira de pronunciar os sons. Se não tivéssemos leis de pronúncia e se não houvesse a ortoépia, diariamente as pessoas estivessem a inventar novas formas de falar, haveria sempre mudanças que provocariam um caos na comunicação caso essas alterações dissessem respeito a oposições fonológicas.

## 2.3 - ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL

Em Faria (1996:124), o alfabeto fonético internacional é apresentado na seguinte tabela:

**Quadro 3 – Alfabeto Fonético Internacional**

	IPA/AFI	Ortografia	Transcrição fonética
VOGAIS	ɪ	Fita	[fite]
	e	Pêra	[pɛɾe]
	ɛ	Seta	[sɛtɛ]
	a	Cara	[kare]
	ɐ	Cama	[kɛmɐ]
	i	Que; se	[ki] [si]
	ɔ	Corda	[kɔɾdɐ]
	o	Mofo	[mofu]
	u	Mudo	[mudu]
	SEMI-VOGAIS	j	Pai; piada
w		Pau; soalho	[paw] [swaʎu]
CONSOANTES	p	Papo	[papu]
	t	Tia; fato	[tie]; [fatu]
	k	Casa; baque	[kaze]; [baki]
	b	Barba;	[barbɐ]
	d	Data; arde	[datɐ] [ardi]
	g	Gato; mago	[gatu]; [magu]
	f	Férias; bafo	[ˈfɛɾjɐ]; [ˈbafu]
	s	Selo; caça; passa	[selu]; [kase]; [pase]
	ʃ	Chave; festas	[ˈʃavi]; [fe te]
	v	Vaca; cava	[ˈvake]; [ˈkave]
	z	Asa; azul; exacto;	[aze]; [aˈzul]; [iˈzatu]
	ʒ	Jacto; agir; asma	[ˈʒatu]; [ɐˈʒir]; [ˈaʒme]
	l	Lado; sala	[ˈladu]; [ˈsale]
	ʎ	Folha; alho	[ˈfoʎe]; [ˈaʎu]
	r	Caro, parva	[ˈkaru]; [ˈparve]
	R	Raiva; palavra; carro	[ˈRajve]; [ˈpalRe]; [kaRu]
	m	Marca; turma	[ˈmarke]; [ˈturme]
	n	Neta; cena	[ˈnɛte]; [ˈsene]
	ɲ	Unha; pinha	[ˈunɐ]; [piɲɐ]

**Fonte:** Faria et all (1996:124).

Como podemos observar no quadro do alfabeto fonético internacional, os símbolos que representam as vogais, semi-vogais e consoantes correspondem a sons específicos. Importa salientar ainda que as vogais e as consoantes podem ter determinados sons em função do contexto. Exemplo: corda [ˈkɔrdə]; gato [ˈgatu]; mofo [ˈmɔfu]; casa [ˈkazə]; festa [ˈfeʃtə]; sopa [ˈsope]. Se bem que os linguistas tenham criado o alfabeto fonético internacional que vai possibilitar conseqüentes transcrições fonéticas, os falantes de línguas, como o Português, devem ter a consciência fonológica de que há consoantes sonoras e há consoantes surdas. Portanto, alguns pares de fonemas apresentam como característica o facto de se diferenciarem pelo traço de sonoridade, isto é, alguns deles são surdos e outros são sonoros.

Cada falante é obrigado a adaptar-se às exigências de qualquer língua para não criar ruído no processo comunicativo. O alfabeto fonético internacional e a transcrição fonética ajudam-nos a ter consciência da pronúncia das palavras e a identificar a sílaba tónica das palavras. No entanto, os programas do ensino secundário da disciplina de Português em Moçambique não contemplam o ensino das noções fonéticas. Nas classes iniciais do Ensino Primário, não há ensino do alfabeto do Português.

## **CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS**

### **1 - INTRODUÇÃO**

Depois da apresentação de definição de conceitos, fazemos agora a análise detalhada do ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras **b**, **d** e **g**. A principal preocupação é estudar a produção de sons, ou seja, a fonética articulatória. Neste âmbito, achamos pertinente apresentar, neste capítulo, a classificação das consoantes das línguas portuguesa e emakhuwa. Apresentamos ainda o modo como elas são produzidas. Para melhor demonstração do problema, apresentamos uma gama de frases produzidas pelos alunos, as quais servem de material de análise.

Dado que os alunos substituem sistematicamente as consoantes oclusivas sonoras pelas surdas, por vezes, quando escrevem, e trocam também as consoantes oclusivas surdas pelas sonoras, apresentamos seguidamente os traços distintivos das consoantes [b]/[p], [d]/[t], [g]/[k].

### **2 - APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS CONSOANTES DO PORTUGUÊS**

Segundo Mateus (1990:15), “os conhecimentos da fonética são base para a compreensão da aquisição da linguagem e das estratégias de comunicação, do desenvolvimento do discurso e da deriva da língua. Eles permitem que nos situemos inteligentemente no mundo dos sons que nos rodeiam”.

De facto, com o conhecimento da fonética e da fonologia, as pessoas podem falar melhor uma língua. Moçambique é um país multilingue e o português é língua segunda para a maioria dos falantes. Dadas as alterações que o português sofre nesta parcela do globo, torna-se imperioso e urgente fazer um estudo sociolinguístico e criar mecanismos para a superação do problema.

Os sons da fala obedecem a certas regras. Se violamos as regras da ortoépia, podemos criar ruídos na comunicação. Por exemplo:

- No Verão, o [t]ia passa rapidamente.

No entanto, o locutor quer dizer: No Verão o [d]ia passa rapidamente. O alocutário pode entender que o locutor se refere à tia dele (como uma relação de parentesco) e não o dia (como tempo em que a Terra está clara, ou o intervalo entre uma noite e a outra).

A principal preocupação é estudar os sons sob o ponto de vista da fonética articulatória. Neste âmbito achamos pertinente apresentar a classificação das consoantes segundo Cunha e Cintra (2002:41). As consoantes da língua portuguesa, em número de dezanove, são tradicionalmente classificadas em função de quatro critérios, de base essencialmente articulatória:

- a) Quanto ao modo de articulação podem ser oclusivas e constrictivas. Estas últimas classificam-se em fricativas, laterais e vibrantes;
- b) Quanto ao ponto de articulação classificam-se em bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatais e velares;
- c) Quanto ao papel das cordas vocais, podem ser surdas ou sonoras;
- d) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, classificam-se em orais ou nasais.

Cunha e Cintra (2002:41) afirmam ainda que, segundo um outro sistema classificatório, as consoantes podem ser classificadas:

- a) Quanto ao modo de articulação: +contínuas, -contínuas, +laterais, -laterais;
- b) Quanto à zona de articulação: +anteriores, -anteriores, +coronais e -coronais;
- c) Quanto ao papel das cordas vocais: +sonoras e -sonoras;
- d) Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: +nasais e -nasais.

Em seguida, apresentamos o quadro das consoantes. Na óptica de Cunha e Cintra (2002:44) “o conjunto das consoantes da língua portuguesa é constituído por dezanove unidades, cuja classificação se expõe esquematicamente no quadro seguinte” :

### QUADRO 4 - Consoantes da Língua Portuguesa

Papel das cavidades bucal e nasal		Orais [- nasais]					Nasais [+nasais]	
Modo de articulação		Oclusivas [- contínuas]		Constritivas [+ contínuas]			Oclusivas [-contínuas]	
				Fricativas [-soantes] [-laterais]		Laterais [+soantes] [+laterais]		
Papel das cordas vocais		Surdas [-sonoras]	Sonoras [+sonoras]	Surdas [-sonoras]	Sonoras [+sonoras]	Sonoras [+sonoras]	Sonoras [+sonoras]	Sonoras [+sonoras]
Ponto ou zona de articulação	Bilabiais [+anteriores] [-coronais]	[p]	[b]					[m]
	Labiodentais [+anteriores] [-coronais]			[f]	[v]			
	Linguodentais [+anterior] [+ coronais]	[t]	[d]	[s]	[z]			
	Alveolares [+anteriores] [+ coronais]					[l]	[r]	[n]
	Palatais [-anteriores] [+coronais]			[ʃ]	[ʒ]	[ç]		[ɲ]
	Velares [-anteriores] [- coronais]	[k]	[g]				[R]	

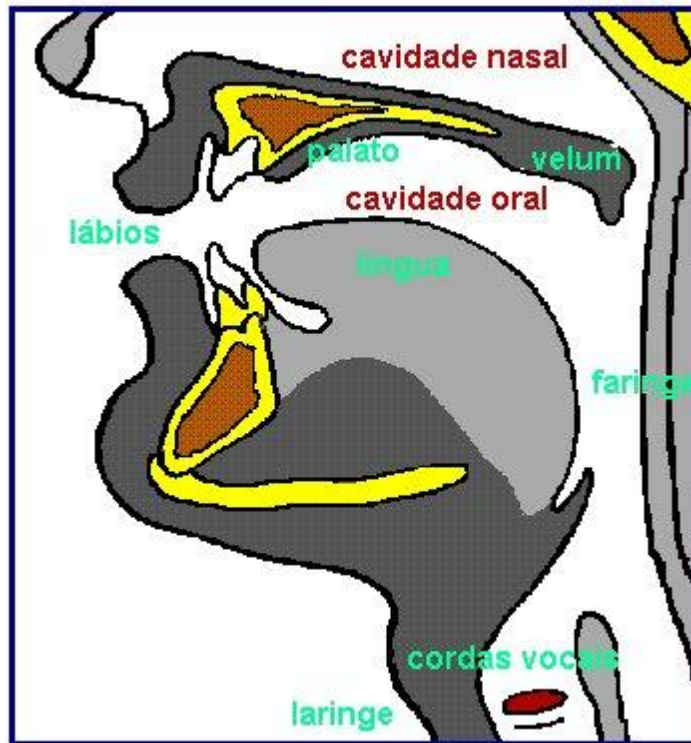
**Fonte:** Cunha e Cintra (2002:44)

Neste quadro, podemos observar as consoantes do Português bem como as suas características. As mesmas são apresentadas tendo em conta o papel das cavidades bucal e nasal (orais ou nasais), modo de articulação (oclusivas ou constritivas), papel das cordas vocais (sonoras ou surdas), ponto ou zona de articulação (bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatais ou velares).

Veja-se, em seguida, a figura 2, que mostra os vários pontos na cavidade bucal que são utilizados na articulação dos sons da fala.



**Figura 2 - Cavidades nasal, oral e faríngea**



Fonte: Fonte: Mateus, Falé, e Freitas (2005:67)

### 3 - ANÁLISE DAS FRASES PRODUZIDAS PELOS ALUNOS

Em seguida, apresentamos treze frases produzidas oralmente pelos alunos da Escola Secundária de Meconta e pelos professores da mesma escola. No momento da sua produção, os falantes substituem as consoantes sonoras pelas suas correspondentes surdas.

- (9) A[p]anteira nacional de Moçam[p]ique tem cinco cores. Por bandeira e Moçambique
- (10) O menino está com tores de [p]arrica. Por dores e barriga
- (11) O João não sa[p]e nadar. Por sabe e nadar

- (12) O senhor [p]asílio é sacertote. Por Basílio e Sacerdote.
- (13) A [p]ernartete foi ao [p]anco levantar o tinheiro. Por Bernardete, banco e dinheiro
- (14) O João é [p]ícamo. Por bígamo
- (15) A panela de [p]arro parte-se com facilitate . Por barro e facilidade
- (16) A [p]anana está matura. Por banana e madura.
- (17)O menino come a [p]olacha. Por bolacha
- (18) A [p]iologia estuda os seres vivos. Por Biologia
- (19) A Espanha localiza-se na península l[p]érica. Por Ibérica
- (20) Os Moçam[p]icanos têm li[p]ertate de expressão. Por Moçambicanos e liberdade
- (21) A [p]ola do menino furou-se. Por bola

Como podemos observar nas frases 9 a 21, os falantes ensurdecem a consoante oclusiva [b], substituindo-a pela consoante oclusiva surda [p]. Esta substituição é bem visível nas palavras [p]an[t]eira (bandeira), Moçam[p]ique (Moçambique), [p]arriga (barriga), sa[p]e (sabe), [p]asílio (Basílio), [p]ernartete (Bernardete), [p]anco (banco), [p]í[k]amo (bígamo), [p]arro (barro), [p]anana (banana), matura (madura), [p]olacha (bolacha), [p]iologia (Biologia), l[p]Erica (Ibérica), moçam[p]icano (moçambicano) e [p]ola (bola).

Constatamos que o alfabeto da língua Emakhuwa não apresenta a consoante oclusiva sonora [b]. Como consequência disso, os falantes ensurdecem todas as consoantes oclusivas. Consequentemente, as pessoas não conseguem perceber que estas consoantes se diferenciam pela sonoridade. Importa apresentar os traços distintivos das consoantes [b] e [p] segundo Cunha e Cintra (2002:46).

[p] [-contínua]	[b] [-contínua]
[- sonora ]	[+sonora]
[-nasal]	[-nasal]
[+anterior]	[+ anterior]
[-coronal]	[-coronal]

A partir desta comparação, podemos compreender que há traços que são comuns, ou seja, as duas consoantes são – contínuas, - nasais, + anteriores e – coronais. Na mesma comparação verificamos ainda que a consoante [p] é menos sonora enquanto que a consoante [b] é mais sonora. É imperioso que as pessoas produzam os sons da fala tendo em conta as propriedades de cada consoante. Se não houvesse regras ou leis na pronúncia das letras, a língua estaria a sofrer alterações a todo o momento.

Nas frases seguintes, os falantes ensurdecem a consoante oclusiva sonora [d], substituindo-a pela consoante oclusiva surda [t].

- (22) A ci[t]a[t]e de Nampula é lin[t]a. Por cidade e linda
- (23) As chuvas [t]emoliram a pare[t]e da minha casa. Por demolir e parede
- (24) A Rá[t]io Moçambique apresenta poas informações ao púplico. Por Rádio, boas e público
- (25) A comuni[t]a[t]e [t]eve participar nas reuniões da escola. Por comunidade e deve
- (26) O senhor Paulo can[t]i[t]atou-se a presidente de Município de Nampula. Por candidatou-se
- (27) O quar[t]a da Escola é [t]esope[t]iente. Por guarda e desobediente.
- (28) O António [t]orme muito. Por dorme
- (29) A ca[t]eira partiu-se. Por cadeira

Em todas as frases, no lugar da consoante sonora [d], os falantes realizam ~~aplicam~~ a consoante surda [t]. Embora apresentem traços comuns, ou seja ambas são – contínuas, -nasais, +anteriores e +coronais, também estas se diferenciam pela sonoridade. Este ensurdecimento é bem visível nas seguintes palavras: ci[t]a[t]e (cidade), lin[t]a (linda) [t]emoliram (demoliram) Rá[t]io (Rádio), comuni[t]a[t]e (comunidade), [t]eve (deve), can[t]i[t]atou-se (candidatou-se), [t]eso[p]e[t]iente

(desobediente), [t]orme (dorme) e ca[t]eira (cadeira). De acordo com o quadro de consoantes apresentado por Cunha e Cintra (2002:45), estas consoantes apresentam os seguintes traços distintivos:

[t] [- continua ]	[d] [- continua ]
[ - sonora ]	[ + sonora ]
[ - nasal ]	[ - nasal ]
[ + anterior ]	[ + anterior ]
[ + coronal ]	[ + coronal ]

Ocorre também o ensurdecimento da consoante [g]. Os locutores substituem-na pela consoante oclusiva surda [k]. Vejamos as seguintes frases:

- (30) O [k]ato perseguiu o rato - por gato
- (31) O João está com tores de [k]ar[k] ]anta - por r dores e garganta
- (32) A [k]azela corre muito - por gazela
- (33) O senhor Paulo é polí[k]amo - por polígamo
- (34) O meu irmão vive em Portu[k]al - por Portugal
- (35) A Maria [k]osta da [k]oiapa - por gostar e goiaba
- (36) O meu irmão [k]asta muito dinheiro no bar - por gasta
- (37) Entro de férias no mês de A[k]osto - por Agosto
- (38) An[k]olá é um país africano - por Angola
- (39) O senhor [k]onçalves é director da Escola Secundária de Meconta - por Gonçalves

Nestas frases, o ensurdecimento ocorre nas seguintes palavras: [k]ato (gato), [k]ar[k]anta (garganta), [k]azela (gazela), poli[k]amo (polígamo), Portu[k]al (Portugal), [k]osta (gosta), [k]asta (gasta), A[k]osto (Agosto),

As consoantes [k] e [g], apesar de terem traços comuns<sup>1</sup>, diferenciam-se entre si sonoridade, devido à intervenção das cordas vocais, no decorrer da sua produção. A consoante [k] é menos sonora ao passo que a consoante [g] é mais sonora. Vejamos os traços distintivos destas consoantes na concepção de Cunha e Cintra (2002:45):

[k] [-contínua]	[g] [-cont'ínua]
[-sonora]	[+sonora]
[-nasal ]	[-nasal ]
[-anterior]	[-anterior]
[-coronal]	[-coronal ]

De acordo com a descrição apresentada anteriormente, podemos concluir que os alunos da Escola Secundária de Meconta, bem como os outros falantes, violam as regras da ortoépia. Substituem as consoantes sonoras pelas surdas. Este fenómeno ocorre porque na língua materna destes falantes não existem as consoantes sonoras oclusivas [b], [d] e [g], veja-se o alfabeto da língua Emakhuwa. Como alternativa, recorrem às consoantes mais próximas em termos articulatorios: [p], [t] e [k], respectivamente.

Segundo Ngunga (2011:73), apresentamos a tabela das consoantes do Emakhuwa

#### Quadro 5: As consoantes da Língua Emakhuwa

Modo/lugar	labial	dental	Alveolar	retroflexa	palatal	Lábio-velar	Velar	Glotal
Oclusiva	P	T		Tt	C		K	
Aspirada								
Fricativa	f v	(dh)	s (z)		x <sup>2</sup>			H
Nasal	M		N		Ny		Ng	
Lateral			L		Ly			
Vibrante			R			W		
Semivogal					Y			

Fonte: Ngunga e Faquir (2011:73)

<sup>1</sup> Ambas as consoantes são –contínuas, -nasais, -anteriores e –coronais.

Na Escola Secundária de Meconta, alguns aprendentes têm o Português como sua língua materna e outros, que constituem a maioria, aprenderam-no na escola. No quadro seguinte, apresentamos a percentagem de alunos cuja língua materna é o Emakhuwa, onde se constata que poucos falam o português como língua materna.

**Quadro 6: Percentagem de alunos que falam o português como língua materna ou como língua segunda**

Total de alunos da 12 <sup>a</sup> classe	Falam o Português como L1	Falam o Português como L2	Percentagem dos que falam o Português como L1	Percentagem dos que falam o Português como L2
61	20	41	32,8%	67,2%

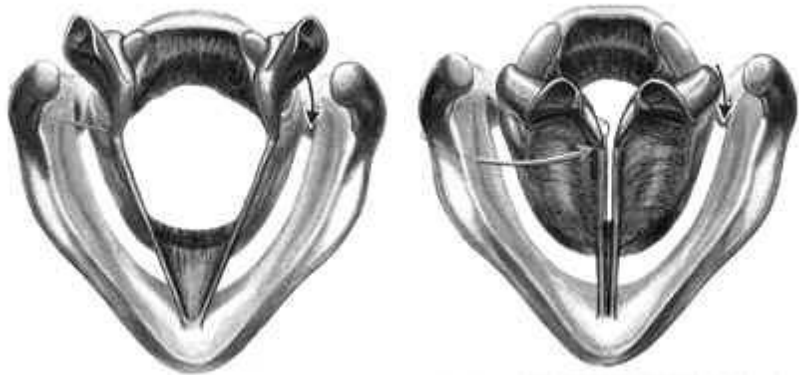
De acordo com aquilo que abordámos anteriormente, os alunos têm dificuldades na distinção de consoantes quanto à sonoridade. Não sabem que o traço de sonoridade corresponde a uma distinção importante entre estas consoantes. As consoantes [b], [d] e [g] são produzidas com vibração das cordas vocais e as consoantes [p], [t] e [k] são pronunciadas sem vibração das cordas vocais.

A oposição surda / sonora em consoantes oclusivas é distintiva em Português, isto é, contribui para alterar o significado de certos pares de palavras, como se pode ver nos seguintes exemplos: **pato/bato**, **tom/dom**, **tia/dia**, **colo/golo**, **calo/galo**, **costa/gosta**, **tona/dona**. Como podemos observar, nestes exemplos, a troca da consoante sonora pela surda e vice-versa faz com que estejamos perante outra palavra, com outro significado um outro valor semântico, por se tratar, em Português, de um par opositivo.

As figuras que em seguida apresentamos demonstram como são produzidas as consoantes surdas e sonoras. A primeira demonstra que o falante produz o som sem

a vibração das cordas vocais, originando as consoantes surdas. A segunda apresenta a produção de som com vibração das cordas vocais, dando origem as consoantes sonoras.

**Fig.3.1. Cordas vocais sem vibração Fig.3.2. Cordas vocais com vibração**



**Fonte:** Mateus, Falé, e Freitas (2005:69)

#### **4 - ANÁLISE DE TEXTOS ESCRITOS PELOS ALUNOS**

Quando se aprende uma língua estrangeira, existem, muitas vezes, dificuldades de pronúncia que não raramente se manifestam através de erros ortográficos. Se essas dificuldades incidem regularmente sobre os mesmos sons, isso pode dever-se ao facto de o sistema fonológico da língua materna do aluno ser diferente do da língua que está a aprender.

Moçambique é um país multilingue<sup>2</sup>, onde o uso do Português co-ocorre com línguas moçambicanas, que, a nosso ver, são usadas para manter a identidade étnica ou regional.

Em Moçambique, e distrito de Meconta em particular, a ortografia tem sido um dos temas mais presentes nos seminários de capacitação pedagógica dos professores. Constitui uma área crítica, uma vez que aprender a escrever implica compreender a relação entre os sons e as letras, isto é, dominar a forma convencional da escrita das palavras. Neste sentido, o erro ortográfico tem-se apresentado como um facto preocupante no processo de ensino e aprendizagem em Moçambique.

Vejamos o excerto de um texto produzido por um aluno da 12.<sup>a</sup> classe da Escola Secundária de Meconta:

### **“A policamia é uma traição”**

“Nosso país é mais frequente este tipo de casamento.

A policamia é abrangente nos países em via de desenvolvimento, principalmente com os pobres que comem com a vida normal, acham que o dinheiro que eles conseguem vai sobrar para toda vida.

Eles casam-se com três ou mais mulheres sabendo que não trabalham nem conseguem dinheiro para apastecer todas as mulheres para toda vida. Sabendo que cada mulher precisa de vestuários todos dias, das pastas e todo tipo de vestuário que está na moda. Nem só mulher a mulher fica sozinho mas também com os filhos que precisa alimentar e vestuário. E ele pode fazer filhos, com cada mulher com mais de cinco filhos, pensa que ele vai conseguir criar vinte ou mais filhos? Ou ainda vai desenvolver o país? Ou é para aumentar a pobreza no país? Esse tipo de casamento é realizado com pessoas que não têm emprego (...).”

As frases que a seguir apresentamos foram retiradas dos textos escritos pelos alunos

---

<sup>2</sup> Para além do Português, em Moçambique são faladas as seguintes línguas: Kimwane, Shimakonde, Ciyaawo, Emakhuwa, Echuwabu, Cinyanja, Cinyungwe, Cisena, Cibalke, Cimanyika, Cindau, Ciwute, Gitonga, Citsuwa, Cicopi, Xichangana e Xirhonga. Estas línguas já estão padronizadas.



da Escola Secundária de Meconta. O tema abordado é a poligamia em Moçambique. Num texto expositivo – argumentativo, uns alunos defendem a poligamia e os outros a condenam. Os aprendentes que produziram os textos frequentam a 12.<sup>a</sup> classe e têm idades compreendidas entre 17 e 20 anos.

Vejamos as frases:

(40) “(...) um polígamo aumenta a sua família, porque cada mulher dele quer ter filho com ele assim acrescenta a sua família ou seu **tripo** e um polígamo se controla muito bem porque não quer se **meder** mais com outras mulheres”.

(41) “ E a mulher **figa** infeliz e **acapa** se vendendo.

Nas frases em análise, os alunos cometem erros ortográficos, trocando o b por p e ainda o t por d. Trocam ainda o c por g. Este facto é bem visível nas seguintes palavras: **tripo** (tribo), **meder** (meter) e **acapa** (acaba) **figa** (fica).

Segundo a ortografia, os alunos deveriam escrever assim:

(42) “(...) um polígamo aumenta a sua família, porque cada mulher dele quer ter filho com ele assim aumenta a sua família ou sua tribo e um polígamo controla-se muito bem porque não quer meter-se mais com as outras mulheres”.

(43) “ E a mulher fica infeliz e acaba vendendo-se”.

Os alunos fazem substituição envolvendo a grafia de consoantes surdas e sonoras. Eles trocam as consoantes sonoras pelas surdas: tripo/tribo, acapa/acaba. E trocam também as surdas pelas sonoras: meder/meter, figar/ficar.

Nos mesmos trabalhos os estudantes trocam o d por t. As frases seguintes demonstram este facto:

(44) “Um polígamo sabe cuidar bem dos seus filhos mantar na escola a direito de tudo”.

(45) “Eles casam-se com três ou mais mulheres sabento que não trabalham nem consequem dinheiro para apastecer todas as mulheres”.

- (46) “Outras vão ao curanteiro para eliminar a vida de outra”.
- (47) “Ele casa com qualquer mulher do costo a não perter”.
- (48) “Enquando num casamento deste não há ninguém que se canse”.
- (49) “As mulheres não dá respeito com as pessoas, não obtece ordem dos pais faz coisas quanto entenderem”.
- (50) “As mulheres usam saias curdas e andam superdescontroladas”.
- (51) “Chega o tempo dá parto sem pai não consegue distinguir o pai daquela criança”.
- (52) “(...) porque todas têm tendência de der filho com tal polígamo”
- (53) “(...) e todo lado é demitto com as suas esposas”.
- (54) “É lá onde a vatiagem aumenta cada vez mais, agora figo confuso”.
- (55) “Vamos supor que bebem evatiar e o tal homem não tem nenhum desses vícios será que vai aguentar?”

Nas frases acima, os alunos trocam a consoante sonora d pela surda t e vice-versa. Este fenómeno ocorre nas seguintes palavras: mantar/mandar, sabento/sabendo, curanteiro/curandeiro, perter/perder, quanto/quando, vatiagem/vadiagem, vatiar/vadiar.

Os mesmos alunos trocam a consoante surda t pela consoante sonora d: enquando/enquanto, curdas/curtas, parto/pardo.

Nos trabalhos escritos pelos alunos, para além dos erros ortográficos, podemos encontrar erros de concordância, de sintaxe, má aplicação dos sinais de pontuação e algumas frases são semanticamente desviantes. Escrevem palavras que não existem no léxico português, como é o caso dos vocábulos acapar, vatiar, vatiagem, curanteiro, sabento (gerúndio do verbo saber), Outras palavras existem no dicionário português mas os alunos aplicam-nas sem ter em conta o contexto: “Chega o tempo dá parto (...)”, “(...) agora figo confuso(...)”

Neste capítulo, pretendemos aprofundar os conhecimentos a respeito das regras da escrita com maior incidência na grafia das consoantes oclusivas. Assim, vamos

demonstrar e descrever sobretudo os erros ortográficos.

Para além de falta de domínio da ortografia, os alunos têm dificuldades que se prendem com o conhecimento do valor semântico de palavras. Exemplo: a palavra “pardo” significa cinzento, nublado, mulato, mestiço, enquanto que parto é acto de parir. Na frase “Chega o tempo dá pardo sem pai não consegue distinguir o pai daquela criança” o aluno queria referir-se ao acto do parto, mas aplicou outra palavra (pardo) com valor semântico diferente.

Em função das regras da ortografia, os alunos deveriam escrever as palavras em causa da seguinte maneira:

(44´) “Um polígamo sabe cuidar bem dos seus filhos e mandar para escola com todos os direito”.

(45´) “Eles casam-se com três ou mais mulheres, sabendo que não trabalham nem conseguem dinheiro para abastecer todas as mulheres”.

(46´) “Algumas mulheres vão ao curandeiro para eliminar as vidas de outras”.

(47´) “Ele casa com qualquer mulher do gosto a não perder”.

(48´) “Enquanto que num casamento deste não há ninguém que se canse”.

(49´) “As mulheres não dão respeito às pessoas, não obedecem à ordem dos pais fazem coisas quando entenderem”.

(50´) “As mulheres usam saias curtas e andam super descontroladas”.

(51´) “Chega o tempo, dão parto sem pai e não consegue distinguir o pai daquela criança”.

(52´) “(...) porque todas têm tendência a ter filho com tal polígamo”

(53´) “(...) e todo o lado é temido pelas suas esposas”.

(54´) “É lá onde a vadiagem se aumenta cada vez mais, agora fico confuso”.

(55´) “Vamos supor que bebem e vadiam e o tal homem não tem nenhum desses vícios, será que ele vai aguentar?”

Nota-se ainda a troca da consoante sonora **g** pela consoante surda **c**:

(56) “O que ele consegue, sabe dividir ambas casas o mesmo valor”.

(57) “A policamia é uma traição “.

(58) “A policamia é abrangente nos países em via de desenvolvimento”.

(59) “Acham que o dinheiro que eles conseguem vai sobrar para toda vida”.

(60) “Pensa que ele vai conseguir criar vinte ou mais filhos”.

(61) “ A melhor forma de casamento é a policamia”.

O dicionário da língua portuguesa recomenda que as palavras sejam escritas da seguinte maneira:

(56´) O que ele consegue, sabe dividir para ambas<sup>3</sup> as casas o mesmo valor.

(57´) A poligamia é uma traição.

(58´) A poligamia é abrangente nos países em via de desenvolvimento.

(59´) Acham que o dinheiro que eles conseguem vai sobrar para toda a vida.

(60´) Pensa que ele vai conseguir criar vinte ou mais filhos.

(61´) A melhor forma de casamento é a poligamia.

Estes estudantes cometem mais erros ortográficos na escrita das consoantes d e g do que nas consoantes b.

Veja-se um texto exemplificativo escrito em língua Emakhuwa, o qual está desprovido das consoantes oclusivas sonoras **b, d, e g**

### ***Mulopwanaookukhurya***

*“Mulopwanammosa, aahirowaokukhurya empa yaamay´awe.*

*Mulopwanaowokhaareeraokukhurya. Nihiconimosaaahireiwawiiraoniwe.*

*Yaahokuxiwaekuwo ni maasikhuthomeiwa. Vawaalimulopwanaole,*

*veeralyaawekikhunule ele yaathomeiwe,*

*maasiootheeneyahimmwareelaerutthuyootheene. Vammwareelalyaaya vale,*

*erutthuaweyootheeneyaahokelaonukha.*

*Mulopwanaolevoonalyaaweonukhan´we, oleaahotthimakasampakhaomuro;*

---

<sup>3</sup>No Português de Moçambique (PM), a palavra ambos tem outro valor semântico: significa todos e não os dois segundo o PE

*oleaahotuphellaammaasiniwiraarapemasiethuyoonukha ele khiyaamala.  
Veerrawekisepekeonukham´weexikoaweyaahisikuwa.  
Tivomulopwanaookukhuryaewusu, tivovanunkhaawe”.*

### **Tradução do texto exemplificativo:**

#### **O homem mexeriqueiro**

Um homem muito mexerico foi vasculhar a casa da mãe. Este homem mexia em tudo. Certo dia pegaram-lhe uma partida. Pegaram num pano sujo, meteram numa panela que continha água suja e penduraram. Quando o homem chegou a casa da mãe, abriu a panela e esta derramou o líquido todo, mal cheiroso, sobre o seu corpo. O homem não suportou o cheiro e correu ao rio para se banhar. O cheiro continuava. Ao pretender desviar-se do cheiro, o pobre homem acabou torcendo o pescoço, que nunca mais curou. A história reza que tal homem mexeriqueiro é a tartaruga. A tartaruga cheira mal por causa da água suja e mal-cheirosa que se derramou sobre si.

*(Texto adaptado)*

**Fonte:** Nguna e Faquir (2011:82)

## **5 – SÍNTESE DO TRATAMENTO DOS DADOS: UMA ANÁLISE QUANTITATIVA**

### **5.1- Oralidade**

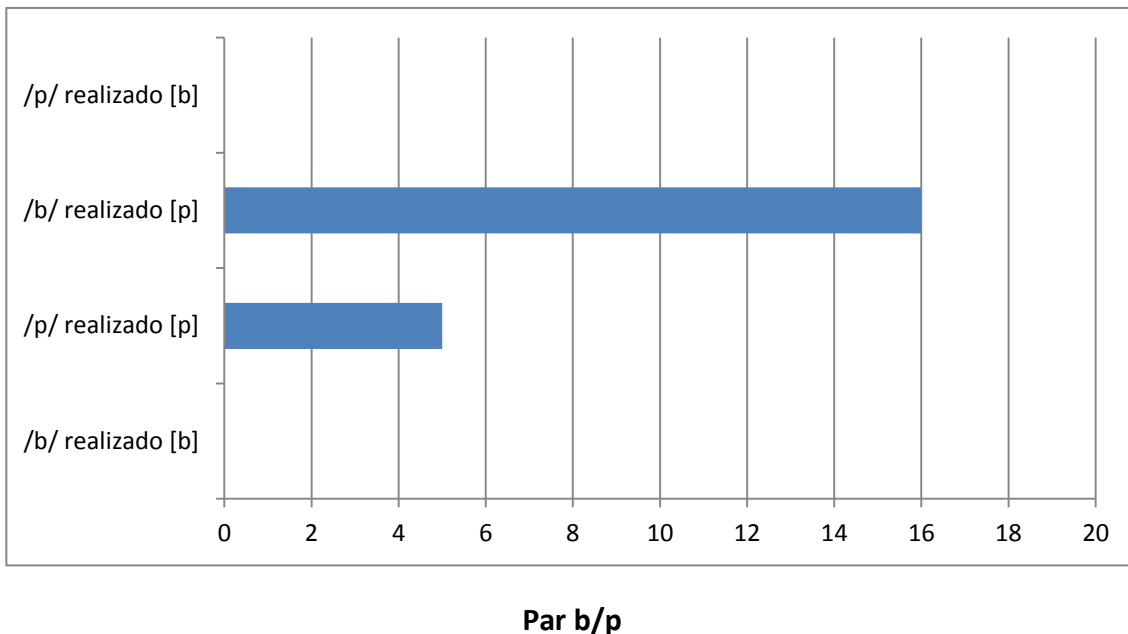
#### **Par b/p**

Para o par b/p, no concernente ao discurso oral, os falantes não aplicam correctamente a consoante oclusiva sonora [b]. Em todas as frases, não existe a aplicação correcta da consoante [b], portanto a aplicação correcta desta consoante é

zero. Nota-se a aplicação correcta da consoante oclusiva surda [p] em todos os casos, isto é, das 5 aplicações, todas estão correctas. Não há muita dificuldade na aplicação do [p] porque esta consoante existe em língua Emakhuwa.

É frequente o ensurdecimento da consoante oclusiva sonora [b], Nas frases produzidas pelos falantes, foram identificados 16 casos de substituição de [b] por [p] e zero casos de substituição do [p] por [b]. Portanto, não há troca, mas substituição, visto que o fenómeno só ocorre num sentido (sonoro>surdo). Veja-se o gráfico abaixo:

**Gráfico 1**

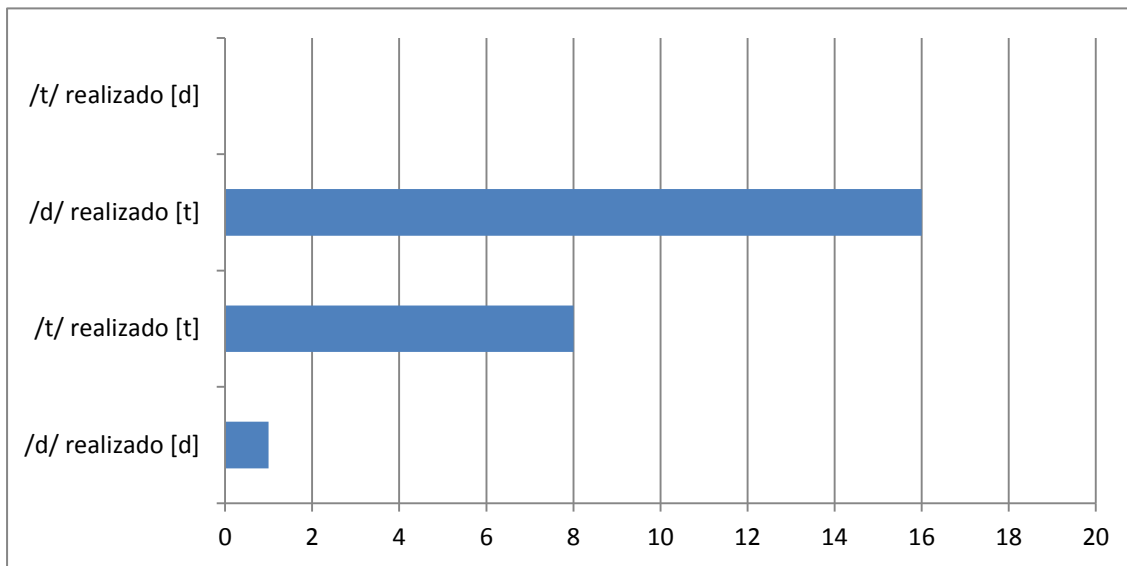


### **Par d/t**

Neste par, verifica-se 1 aplicação correcta da consoante [d] como é o caso da palavra “presidente”. Contudo, são 8 casos de aplicação correcta da consoante oclusiva surda [t]. Acontece, com muita frequência, a substituição do [d] por [t] e do estudo feito, foram identificados 16 casos de substituição do fonema [d] pelo fonema [t]. Não ocorre o fenómeno de troca do [t] por [d]. Em seguida, apresentamos o

gráfico que representa o par d/t

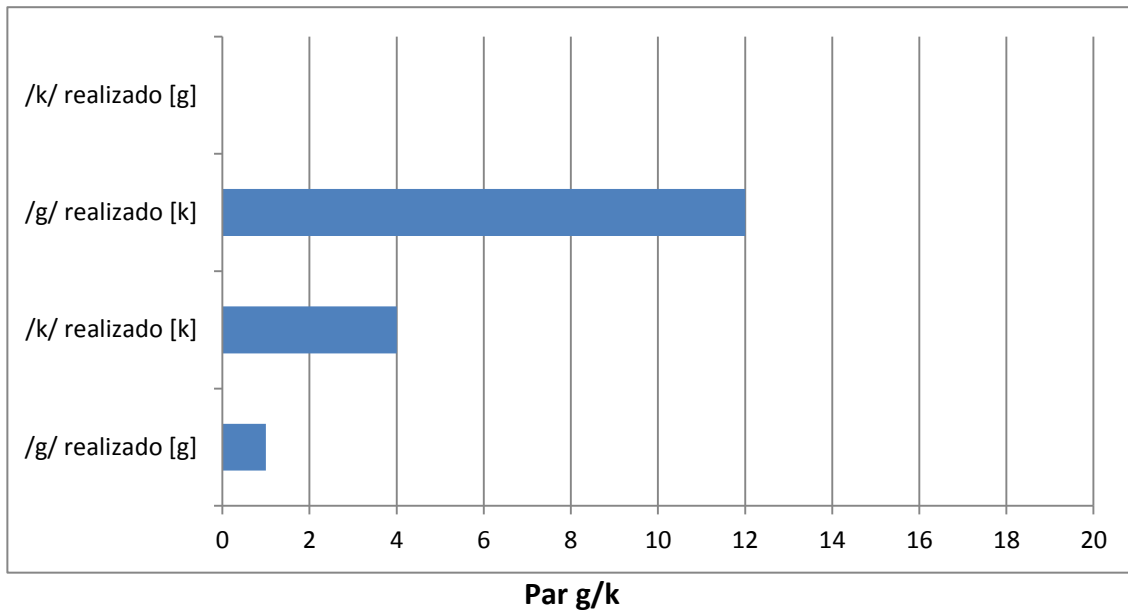
**Gráfico 2**



**Par d/t**

### **Par g/k**

Apenas ocorre uma aplicação correcta da consoante oclusiva sonora [g] como podemos verificar na palavra “perseguiu” e são 4 aplicações correctas da consoante [k] e ocorre nas seguintes palavras:” [k]om, [k]orre, afri[k]ano, es[k]ola, se[k]undária, Me[k]onta”. Verifica-se, frequentemente, a substituição do [g] por [k] e são 12 casos notificados, no entanto, não se regista o fenómeno inverso, isto é a troca de [k] por [g] não ocorre. Veja-se, em seguida, a representação gráfica destes dados:

**Gráfico 3**

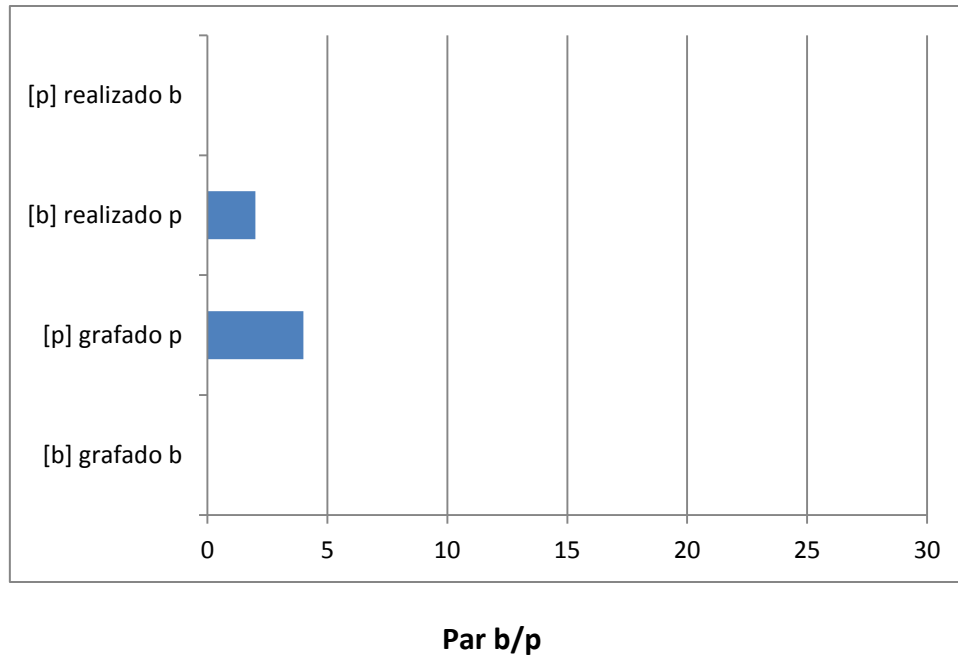
## 5.2- Ortografia

Nas escritas alfabéticas existe uma relação entre os sons e as letras, ou seja, os fonemas que compõem a palavra falada transformam-se em letras e vice-versa. Em certos casos, as pessoas escrevem como pronunciam as palavras e nem sempre pronunciam correctamente os vocábulos ou as letras.

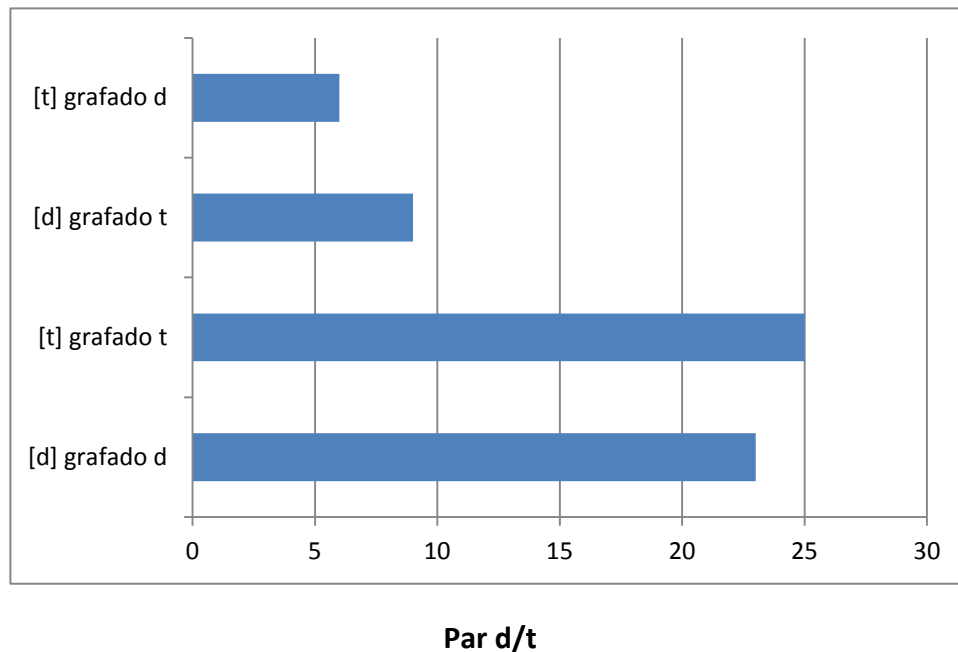
### Par b/p

De acordo com a análise das frases retiradas dos trabalhos escritos pelos alunos, notamos zero aplicações correctas da consoante oclusiva sonora b, 4 aplicações correctas do p, 2 trocas do p por b e zero casos de hiper correcção. Eis a representação gráfica destes dados:



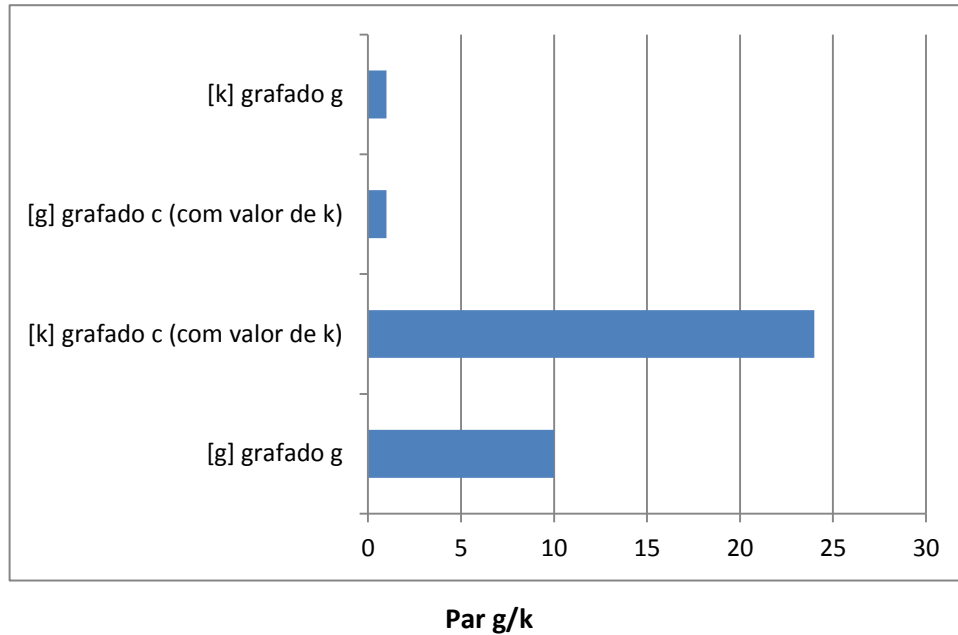
**Gráfico 4****Par d/t**

Neste par, são 23 as aplicações correctas do d, 25 aplicações correctas do t. contudo, observa-se a troca do d por t num total de 9 casos. Nota-se com frequência o caso de hiper correcção, ou seja, os estudantes trocam o t por d e foram, onde o t deveria ocorrer, tendo sido identificados 6 casos que ocorrem nas seguintes palavras: enquanto/enquanto, quanto/quando, curdas/curtas, pardo/parto, der/ter e demito/ temido. O gráfico que em seguida se apresenta ilustra os dados do par d/t, no concernente à ortografia.

**Gráfico 5****Par g/c**

No concernente ao par g/c, os alunos fizeram 10 aplicações correctas da consoante g e são 24 casos de aplicação correcta da consoante oclusiva surda c. Nota-se apenas 1 caso de troca de g por c como é o caso da palavra “policamia”. Registou-se 1 caso de hiper correcção , ou melhor, os aprendentes trocam o c por g, onde o c deveria ocorrer, como podemos verificar na palavra figa/fica.

Há casos em que os alunos trocam a consoante g pela consoante q, por exemplo: conseqe/consegue, consequir/conseguir. Estes dados são demonstrados através do gráfico abaixo apresentado.

**Gráfico 6**

### 5.3 - Conclusão

Depois de análise do discurso oral e das frases escritas pelos alunos, concluímos que os falantes substituem as consoantes oclusivas sonoras pelas consoantes surdas correspondentes. Este fenómeno ocorre com muita frequência nos pares b/p e d/t. Em cada um destes pares foram identificados 16 casos de troca de consoantes sonoras pelas consoantes surdas.

Na oralidade, os casos de hipercorreção não foram notificados e o que predomina é o fenómeno de ensurdecimento das consoantes sonoras. Este facto tem a sua explicação visto que na língua materna dos falantes (Emakhuwa) não existem os sons [b], [d] e [g].

Quanto à escrita, importa salientar que muitas vezes os alunos escrevem como falam e como consequência disso, as consoantes sonoras são trocadas pelas surdas com muita frequência, como acontece para o par d/t para qual foram notificados 9 casos

de troca do d por t.

Comparando a oralidade e a escrita, é notável a grande confusão no momento da escrita. Foi identificado um caso no par g/c. Concretamente, o aluno ao invés de escrever fica, na sua redacção, escreve “figa”. O mesmo ocorre com muita frequência também no par d/t. Neste, os aprendentes cometeram 6 casos de troca da surda pela sonora, o que revela a falta de domínio na aplicação de regras ortográficas. Conhecem provavelmente a regra, mas têm muita dificuldade em a aplicar e saber quando e onde devem utilizar a surda e a ou a sonora correspondente.

Nas escolas moçambicanas, a ortografia é um caos. Este problema é agravado ainda pelas dificuldades que os estudantes apresentam na pronúncia das palavras. Assim, O Ministério da Educação e Cultura de Moçambique deveria rever o *currículo* escolar e os programas de ensino com vista a minimizar os problemas da ortografia e da ortoépia antes que os alunos estejam irremediavelmente perdidos.

## CAPÍTULO IV - FACTORES DE ENSURDECIMENTO DE CONSOANTES SONORAS OCLUSIVAS

### 1- INFLUÊNCIA DA LÍNGUA MATERNA

Como foi dito no primeiro capítulo deste trabalho, nas províncias de Nampula, Niassa, Cabo Delgado e Zambézia, as populações são maioritariamente falantes da língua Emakhuwa. Este idioma tem as suas variantes. Segundo NELIMO (2011:71) são variantes da língua Emakhuwa:

#### Província de Nampula

- Emakhuwa, variante falada na cidade de Nampula e seus arredores, nomeadamente Mecubúri, Muecate, Meconta, Mogovolas, parte de Ribáuè e Lalaua.
- Enahara é uma variante falada nos distritos de Mossuril, Ilha de Moçambique, Nacala-Porto, Nacala-à-Velha, e parte de Momba.
- Esaaka, nos distritos de Erati, Nacaroa e parte de Momba.
- Esankaci, parte de Angoche
- Emarevoni, parte de Moma e Mogincual
- Elomwe, nos distritos de Malema, parte de Ribáuè, parte de Murrupula e Moma.

#### Província de Cabo Delgado

- Emeetto, falado nos distritos de Montepuez, Balama, Namuno, Pemba, Ancuabe, Quissanga, parte dos distritos de Meluco, Macomia e Mocimboa da Praia.
- Esaaka, nos distritos de Chiúre e Mecufi

#### Província de Niassa

- Echirima, falado em Metarica e Cuamba
- Emakhuwa, falado em Mecanhelas, Cuamba, Maúa, Nipepe e Metarica
- Emeetto, falado em Marupa e Maúa.

#### Província da Zambézia

- Emakhuwa, falado em Pebane
- Elomwe, falado em Gurue, Gilé, Alto Molócue e Ile
- Emarevoni, falado numa parte de Pebane.

Importa salientar que existe uma intercompreensão entre os falantes da variante principal e aqueles que falam os dialectos da língua em referência.

No distrito de Meconta<sup>4</sup> as pessoas falam a variante principal.

Quer os falantes da língua Emakhuwa, quer aqueles que falam as variantes desta língua ensurdecem igualmente as consoantes oclusivas sonoras.

Como pudemos observar anteriormente, o sistema ortográfico da língua Emakhuwa não apresenta as consoantes oclusivas sonoras, porém, estes sons existem no Português, língua predominantemente falada pela camada escolarizada e que serve de veículo de aquisição de conhecimentos científicos.

Na província de Nampula, a língua portuguesa está em contacto permanente com a língua Emakhuwa, o que provoca alterações nos aspectos morfosintático, lexical, fonológico, fonético e até semântico.

Segundo o estudo feito, não existe grande diferença entre os falantes que têm o português como sua língua materna e aqueles que o falam como língua segunda, isto é, todos cometem os mesmos erros. Na nossa visão, o contexto situacional do falante constitui o factor determinante deste fenómeno. Por outro lado, Por outro lado, se um aluno fala o português como sua língua materna, o seu pai não se encontra nesta situação, isto é, muitas vezes, este tem outra língua materna, concretamente o Emakhuwa.

## **2 - FALTA DE CONHECIMENTOS DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA**

Os alunos estão desprovidos de conhecimentos da Fonética e da Fonologia, porque o programa da língua portuguesa em Moçambique, da 1.<sup>a</sup> à 12.<sup>a</sup> classes, não contempla o ensino destas duas áreas da linguística. O ensino dos sons da língua portuguesa, quer na sua vertente física, quer no seu valor significativo nunca foi particularmente integrado na gramática do ensino geral. Os compêndios de

---

<sup>4</sup> Local onde foi feita a pesquisa.

gramática portuguesa apresentam os capítulos da Fonética e da Fonologia, mas os programas de ensino em vigor em Moçambique não prevêem estes conteúdos.

Antigamente, o alfabeto português era ensinado nas classes iniciais, porém, com a introdução do sistema nacional de educação em 1984, os programas foram reformulados. Por conseguinte, suprimiu-se o ensino do abecedário sem terem em conta a realidade dos alunos, visto que muitos alunos aprendem o Português na escola. Assim, para o aprendente pronunciar os sons da língua segunda é um problema.

Também os professores têm problemas na pronúncia dos sons da língua portuguesa. Não distinguem as consoantes sonoras das surdas através da sonoridade e quando ditam apontamentos aos seus alunos, dizem o seguinte: “tia” escreve-se com “t” cortado e “dia” escreve-se com “d” barriga. Dizem ainda “b de boi e p de pato”. Portanto, os professores distinguem as consoantes não através do som de cada uma, mas através de exemplos.

Para além do desconhecimento das regras da Fonética e da Fonologia, os alunos não dominam a gramática da língua portuguesa. Segundo Gomes (1991:55), “a palavra gramática é usada para designar o conjunto de princípios a que obedece o funcionamento de uma dada língua. Falar uma língua implica o conhecimento prático, intuitivo, inconsciente destes princípios”.

Para Gomes (1991:59) “o ensino da gramática na escola visa essencialmente dois objectivos:

- Contribuir para melhorar a competência da comunicação, oral e escrita, do aluno;
- Contribuir para o desenvolvimento das capacidades de análise e de raciocínio do aluno, através do conhecimento explícito do modo como se organiza e funciona a língua, o mais perfeito instrumento de comunicação de que o ser humano dispõe”.

Em Moçambique, a nosso ver, nas aulas de Português, os professores evidenciam a leitura e a interpretação de textos. Os conteúdos gramaticais não são leccionados convenientemente. Os professores ensinam a gramática de

forma superficial, não chegando a aprofundar os conteúdos. Este fenómeno ocorre porque os professores não dominam a gramática. O mais grave é que, em algumas escolas secundárias, não há bibliotecas.

Como consequência da falta de domínio das regras gramaticais, os alunos não falam correctamente a língua portuguesa e na escrita cometem erros ortográficos, mesmos os alunos da 12.<sup>a</sup> classe apresentam imensas dificuldades.

### **3 - FALTA DA VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NAS ESCOLAS MOÇAMBICANAS**

Segundo Amor (2003:62) “o oral é a forma de linguagem que primeiro se adquire e se domina, a que ocorre como mais natural a que permite maior espontaneidade e expressividade como suporte permanente da comunicação. Durante muito tempo, o oral não foi suficientemente estudado. As descrições das línguas, as gramáticas eram, no essencial, gramáticas da língua escrita”.

A par do que nos é apresentado por Emília Amor, em Moçambique a oralidade não é encarada com muito rigor. A escrita tem mais peso do que a oralidade e os professores preocupam-se mais com os erros ortográficos do que com os ortoépicos. Durante o processo de ensino e aprendizagem, as avaliações centram-se nas provas escritas. Durante as aulas, os professores não ensinam os seus alunos a pronunciarem bem as letras ou as palavras. Antigamente os alunos não só faziam o exame escrito, como também realizavam a prova oral. Não obstante, os exames actuais cingem-se a uma prova escrita em todos os níveis de ensino. Na nossa opinião, as duas modalidades de avaliação tinham de ser aplicadas no decurso das aulas e no exame final.

Qual deve ser a posição do professor para minimizar este problema?

Segundo Gomes (1991:74) “alguns alunos, até à entrada na escola, comunicam numa língua materna que pode não ser o Português. Assim, possuem o aparelho



fonador pouco preparado para a emissão de alguns sons da língua Portuguesa, dificultando-lhes, em certos casos, a pronúncia correcta de alguns fonemas. Neste sentido, cabe ao professor uma melhor compreensão para as falhas que os alunos possam cometer ao longo do processo de ensino e aprendizagem”.

De acordo com o mesmo autor, a correcção fonética é feita por meio de constante e cautelosa impregnação auditiva. O professor deve pronunciar correctamente as palavras, repetindo-as e introduzindo gradualmente novas palavras e frases; o professor deve colocar-se em frente dos alunos durante a pronúncia, para que estes oiçam bem e se apercebam do movimento dos lábios do falante modelo, usando também os gestos, a mímica e a entoação.

Tendo em conta a gravidade deste problema é a nossa opinião que os professores corrijam os erros ortoépicos cometidos pelos seus aprendentes. Neste caso, o professor deve aplicar uma boa estratégia de modo a não frustrar os seus alunos. Por exemplo, o professor pode repetir a palavra proferida pelo aluno pronunciando-a correctamente. O professor pode repetir a palavra proferida pelo aluno pronunciando-a correctamente. O professor pode planificar várias actividades inerentes à oralidade, como o debate, o resumo oral de um texto, apresentação de histórias, leitura oral de textos. Nestes trabalhos, o professor deve estar atento à maneira como os alunos pronunciam as palavras.

#### **4 - EXISTÊNCIA DE PROFESSORES BILINGUES**

Na Escola Secundária de Meconta existem 35 professores. Dois são naturais da província de Maputo (sul de Moçambique) e outros dois vieram da província de Sofala (centro do país). Os restantes, 31 professores, são naturais da província de Nampula. Destes últimos, 25 aprenderam o Português na escola.

Nas escolas primárias, os professores que ensinaram os alunos que agora frequentam a Escola Secundária de Meconta são bilingues e falam o Português

como língua segunda.

O ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras é também praticado pelos professores. Muitos docentes não conseguem diferenciar as consoantes oclusivas sonoras das surdas. Na escrita cometem erros trocando, por vezes, as consoantes sonoras pelas surdas.

## **5 - FALTA DE ENSINO DO ABECEDÁRIO NAS ESCOLAS**

Em 1983 foi introduzido em Moçambique o Sistema Nacional de Educação (SNE), através da Lei 4/83, de 23 de Março e revista pela Lei 6/92, de 6 de Maio. A introdução do Sistema Nacional de Educação foi gradual (uma classe por ano), tendo-se iniciado com a 1.<sup>a</sup> classe. Com a introdução do SNE, suprimiu-se a pré-primária<sup>5</sup> e os alunos passaram a ir directamente para a primeira classe.

Segundo o programa da disciplina da língua portuguesa do Ensino Primário do primeiro grau (1996:6) ao terminar a 1.<sup>a</sup> classe, o aluno deve:

- Saber comunicar e exprimir-se em língua portuguesa, em situações relacionadas com a vida da escola, da comunidade e da região onde vive;
- Saber ler e interpretar imagens;
- Saber ler e escrever palavras do seu conhecimento.

No ensino do abecedário, os alunos não só decoram as consoantes e as vogais, como também aprendem a relacionar as letras com os seus respectivos sons. Os alunos aprendem ainda a distinguir as letras maiúsculas das minúsculas. Actualmente os alunos estão desprovidos destas informações e como consequência disso, eles cometem erros ortográficos e não conseguem, por exemplo, diferenciar os substantivos comuns concretos dos próprios. Assim, é conveniente que seja

---

<sup>5</sup> Na pré-primária o aluno aprendia todo o abecedário e sem isso não passava para a primeira classe. Aprendia também a contar de 1 até 100. Era na pré-primária que o aluno aprendia a ler e a escrever.

ensinado o alfabeto nas classes iniciais.

## **6 - FALTA DE HÁBITO DE LEITURA**

Segundo Brum, Gottschlk e Motta (1993:6) “a leitura, como actividade fundamental do espírito humano, é uma prática natural que nos permite chegar ao conhecimento do mundo, possibilitando ainda o desenvolvimento de capacidades gerais que se vão materializar, depois nos significados que se conferem ao que rodeia o individuo e na expressão a que este recorre na vida escolar, profissional e social”.

O aluno deve ler para melhorar a ortografia, a construção frásica, para aplicar correctamente os sinais de pontuação e os acentos gráficos.

Na perspectiva de Amor (2001:82), “a leitura é uma prática de base perceptiva, integrada na pressão elementar – reconhecimento e decifração dos códigos de comunicação socialmente estabelecidos – e a construção do significado, assimilação directa do conteúdo informacional circunscrito ao próprio texto”.

De acordo com a mesma autora (2002:91) “(...) os alunos não lêem, não têm hábitos ou o gosto de leitura, recusam-se a ler o que quer que seja, passam os dias de roda da T.V. e do vídeo”. Este fenómeno é frequente em Moçambique: os alunos abandonam a leitura e passam todo o momento a ver a televisão. Os alunos chegam à 12.<sup>a</sup> classe sem conhecerem o romance. Já não têm tempo de ler textos longos. O romance foi substituído pelas telenovelas brasileiras e pelos filmes. Os alunos lêem quando o professor marca um teste ou quando eles têm um trabalho de investigação científica. Os alunos não sabem que se lê para procurar e adquirir conhecimentos, para recolher informações, para organizar a documentação ou para preparar uma aula.

Como os alunos não lêem, não sabem como se escrevem algumas palavras ou como se faz uma construção frásica correcta.

## **7- OUTROS FACTORES QUE INFLUENCIAM O ENSURDECIMENTO DAS CONSOANTES SONORAS**

- **Falta de contacto com o Português Europeu**

A falta de contacto com o Português Europeu (PE) e a ida dos portugueses para a Europa, no período pós-independência, contribuíram para a existência destas dificuldades. É evidente que cada um domina, normalmente, a sua língua materna e, no caso de Moçambique, o Português é língua segunda para a maioria dos falantes. Os poucos moçambicanos que têm o Português como língua materna não o falam com perfeição e apresentam traços de indivíduos bilingues.

Se houvesse um contacto permanente com o PE, os falantes não pronunciarão com imensas dificuldades as consoantes sonoras em questão. A título de exemplo, alguns moçambicanos falantes da língua Emakhuwa que viveram nas Missões, nos Seminários com os padres portugueses, ou viveram durante algum tempo em Portugal, têm o problema minimamente resolvido. Portanto, essas pessoas assimilaram a maneira de falar dos portugueses.

Outra questão digna de realce é o facto de os falantes não estarem a acompanhar o noticiário da RTP nem sequer acompanharem o programa televisivo de Portugal, ou se o acompanham, não prestam atenção à parte linguística. Aliás, muitos telespectadores prestam mais atenção às imagens do que ao discurso, como acontece, por exemplo, com as personagens das telenovelas ou os programas de desporto.

- **Falta de Exigência por parte de Professores**

Segundo se disse anteriormente, há maior exigência na escrita do que na oralidade. Quando os alunos pronunciam mal as palavras, o professor não faz correcção. É evidente que o professor deve aplicar métodos próprios, com vista a não inibir o aluno na sala de aula ou fora dela. Tratando-se de alunos do Ensino Secundário, o professor deve promover debates e deve pronunciar as letras e as palavras de forma

correcta, caso o aluno cometa erros ortoépicos. Neste caso, o agente de ensino deve fazer a correcção sem se dirigir a nenhum aluno em particular.

Já que este problema afecta a escrita, o professor deve evidenciar os erros ortográficos e, no dia da entrega das provas, deve haver espaço para a sua correcção. No acto da correcção de testes, os professores de diferentes disciplinas não só devem corrigir os conteúdos, como também devem penalizar os erros ortográficos.

O outro problema que se regista nas escolas é o facto de serem apenas professores de Português a fazer a correcção de erros ortográficos e, por vezes, ortoépicos. Os restantes professores não estão preocupados com estes. Alguns professores ignoram que a língua portuguesa exerce uma dupla função nas escolas: para além de ser disciplina é veículo de aquisição de conhecimentos científicos. Se a pessoa não domina a língua, não vai obviamente interpretar com facilidade os aspectos científicos, porque é através da língua que nós interpretamos e compreendemos o mundo.

## **8 - SUGESTÕES**

Já frisámos atrás que o ensurdecimento de consoantes sonoras influencia negativamente a escrita, provocando o cometimento de erros ortográficos. Portanto, os aprendentes trocam as consoantes sonoras pelas surdas e, por vezes, trocam também as consoantes surdas pelas sonoras, dada a sua insegurança linguística.

Para minimizar este problema, propomos, neste trabalho, várias estratégias e várias actividades que o professor poderá aplicar na sala de aula, concretamente:

O professor de Português deve aplicar jogos, no concernente à oralidade, para facilitar o progresso dos seus alunos na aquisição de uma boa pronúncia de palavras e de frases tais como:

- Reconhecer e imitar as palavras de acordo com os batimentos ou marcações de sílabas.
- Encontrar semelhanças e diferenças em palavras, por exemplo, as

consoantes surdas e sonoras. O professor deve explicar que as consoantes [b] e [p] são bilabiais, oclusivas, +anteriores e –oclusivas, mas diferem entre si através da sonoridade. Deve explicar ainda que as consoantes [d] e [t] são oclusivas, linguodentais, +anteriores, +coronais, mas a primeira é mais sonora e a segunda é menos sonora. Deve explicar igualmente que as consoantes [g] e [k] são velares, menos anteriores, menos coronais, oclusivas, no entanto, a consoante [g] é mais sonora ao passo que a consoante [k] é menos sonora.

Na sala de aula, a oralidade deve ser realizada com frequência e, para o efeito, é conveniente que o professor utilize as técnicas de comunicação, nomeadamente a exposição, a entrevista, o debate e a mesa redonda.

Segundo Amor (2003:79) “a exposição consiste na apresentação, em tempo limitado (30/45 minutos), de um conjunto de informações e pontos de vista sobre um tema concreto. A preparação de exposição exige a caracterização prévia da situação em que a mesma ocorrerá (objectivos, destinatários, tempo disponível) e a definição precisa das ideias-chave a transmitir”. Face à situação em que se vive em Moçambique, é conveniente que os professores promovam a exposição com vista a melhorar a forma de falar dos alunos.

Os professores podem convocar os seus alunos para acompanharem os programas da RTP – África e, a partir daí, os aprendentes poderão ouvir como as palavras e as letras são pronunciadas. O docente poderá ainda promover a leitura oral de textos e utilizar estratégias adequadas para a correcção de erros ortoépicos. Por exemplo, o professor pode também ler em voz alta o texto explicando as diferenças que existem entre as consoantes oclusivas sonoras e as consoantes oclusivas surdas.

Para além de leitura de textos, os alunos podem realizar vários exercícios de escrita. O professor pode ditar muitas frases contendo muitas consoantes sonoras. Os alunos podem escrever estas frases e podem lê-las em voz alta.

Em muitas escolas não há bibliotecas, o que leva ao aluno a não criar o hábito de leitura. Assim, sugerimos que as instituições de ensino tenham bibliotecas.

Tomando em conta a gravidade do ensurdecimento das consoantes sonoras na província de Nampula, é conveniente que se reformulem os programas de ensino da Escola Primária. Nas classes iniciais, deve ser leccionado o abecedário e, no ensino secundário, os programas devem contemplar a fonética e a fonologia.

Os professores devem tomar em consideração a avaliação da oralidade na sala de aula, visto que eles valorizam mais trabalhos escritos do que a oralidade.

## CAPÍTULO V - CONCLUSÕES

Moçambique é um país marcadamente multilingue. Para além do Português, podemos encontrar uma vasta gama de línguas, concretamente Xironga, Xichangana, Cicopi, Gitonga, Xitswa, Shona, Cibarwe, Sena, Kunda, Echuwabo, Elomwe, Emakhuwa, Ekoti, Cinyungwe, Nsenga, Ciyao, Cinyanja, Shimakonde e Kimwani.

Não obstante, importa salientar que se fala também, na província de Nampula, a língua Ekoti apenas no distrito de Angoche. Esta língua surge mais tarde com a presença dos árabes na costa de Nampula e podemos dizer que é crioulo da língua árabe.

O Português é falado em todas as províncias de Moçambique. A língua Emakhuwa fala-se nas províncias de Cabo Delgado, Niassa, Nampula e Zambézia. De acordo com o estudo feito, o alfabeto português apresenta vinte e seis letras, ao passo que o abecedário da língua emakhuwa tem 32 letras. É de salientar que o alfabeto do Emakhuwa está desprovido das consoantes oclusivas sonoras **b**, **d** e **g**, razão pela qual os falantes desta língua ensurdecem estas consoantes quando falam o Português, substituindo-as respectivamente pelas consoantes oclusivas surdas **[p]**, **[t]** e **[k]**. Por isso, os alunos têm dificuldades na distinção destas consoantes quanto à sonoridade. Não sabem que o traço de sonoridade corresponde a uma distinção importante entre elas. As consoantes **[b]**, **[d]** e **[g]** são produzidas com vibração das cordas vocais e as consoantes **[p]**, **[t]** e **[k]** são pronunciadas sem vibração das cordas vocais.

Para além de erros ortoépicos, os falantes da língua emakhuwa cometem erros ortográficos, trocando as consoantes oclusivas sonoras pelas consoantes oclusivas surdas. Portanto, as pessoas escrevem como falam. Por vezes, trocam estas consoantes surdas pelas sonoras como resultado de hipercorreção.

São factores do ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras: Influência da língua emakhuwa, falta de conhecimento da fonética e da fonologia, falta de



valorização da oralidade nas escolas moçambicanas, existência de professores bilingues, falta de ensino do abecedário português nas escolas, falta de hábitos de leitura, falta de contacto com o Português europeu e falta de exigência por parte dos professores.

Para minimizar este problema, o professor de Português deve aplicar jogos no concernente à oralidade para facilitar o progresso dos seus alunos na aquisição de uma boa pronúncia de palavras e de frases, tal como sugerimos no capítulo anterior. Na província de Nampula, este fenómeno de ensurdecimento das consoantes oclusivas sonoras ocorre desde os primeiros contactos com a língua portuguesa. Podemos afirmar que há séculos que vem acontecendo. No entanto, nunca ninguém já fez um estudo aprofundado sobre este assunto. Os professores não se preocupam com os erros ortoépicos e os falantes acham que trocar as consoantes sonoras pelas surdas ou vice-versa é normal.

Este será provavelmente o primeiro estudo sistematizado a respeito do ensurdecimento das consoantes em análise. Os primeiros trabalhos sempre apresentam algumas vicissitudes, sobretudo a falta de bibliografias apropriadas. Importa salientar que nenhum trabalho de cunho científico está isento de erros, omissões e imprecisões, pelo que este não será uma excepção.

Este não é um trabalho acabado. Assim, recomenda-se que se faça mais trabalho de investigação com vista a identificar outros factores deste fenómeno, visto que na província de Nampula a fala e a escrita estão, muitas vezes, sujeitas a desregramentos.

**BIBLIOGRAFIA**

AMOR, Emília. *Didáctica de Português, Fundamentos e Metodologia*. 6ª ed. Lisboa, Texto Editora, 2003

BORREGANA, António Afonso, *Gramática Universal da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Lisboa, Texto Editora, 2000.

BELLO, José Luiz de Paiva. *Metodologia Científica: Manual para elaboração de textos académicos, Monografias, Dissertações e Teses*. Rio de Janeiro, 2005.

BRUM, Maria Feliciano, GOTTSCALK, Maria Filipa e MOTTA, Maria das Mercês. *Potuguês 10º ano*. 2ª ed. Lisboa Texto Editora, 1993.

CERVO, Armando Luiz, et al. *Metodologia Científica*. 6ª edição. São Paulo, Editora Afiliada, 2007

CHIZZOTTI, António. *Pesquisa em Ciências Humanas*. 6ª edição. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporânea*. 17ª edição, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2002.

ECO, Umberto. *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*. 16ª edição. Lisboa, Editorial Presença, 2010.

DICIONÁRIO UNIVERSAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, 8ª ed. Lisboa, Texto Editora, 2003.

FARIA, Isabel Hubetall, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editora Caminho, 1996.

FIRMINO, Gregório, *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa da Linguística*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

GALLISSON, R. e COSTE, D. *Dicionário da Didáctica das Línguas*. 2ª edição, Coimbra, Livraria Almedina, 1983

GOMES, Aldónio et al, *Guia do Professor de Língua Portuguesa*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, volume 1, 2º nível.

GONÇALVES, Perpétua, *Dados para a História da Língua Portuguesa em Moçambique*. Maputo, 2000.

IVALA, Adelino Zacarias, e tal. . *Orientações para elaboração de projectos e Monografias Científicas*. 1a edição. Nampula, Universidade Pedagógica, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*. 6ª edição. São Paulo, Editorial Atlas. 2001.

MATEUS, Maria Helena Mira, e etall. *Fonética Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa, Universidade Aberta, 1990.

MATEUS, Maria Helena Mira, e etall, *Gramática da Língua Portuguesa*, 4ª edição, Lisboa, Editorial Caminho, 1999.

MATEUS, Maria Helena Mira, FALÉ, Isabel e FREITAS, Maria João, *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2005.

MOUTINHO, Lurdes de Castro. *Uma Introdução ao Estudo da Fonética e Fonologia do Português*, Lisboa, Plátano Editora, 2000.

NELIMO, *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane 2009

NGUNGA, Armindo, *Introdução à Linguística Bantu*, Maputo, Imprensa Universitária, 2004

PRATA, A. Pires. *Dicionário Macua-Português*, s/ed, Lisboa, Oficina Gráfica da Editora do M.E. Algueirão, 1990.

NGUNGA, Armindo e FAQUIR, Osvaldo G. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, 2011

STROUD, Christopher e TUZINE, António, *Uso de Línguas Africanas no Ensino: Problemas e Perspectivas*, Maputo, Paulinas –Livrarias e Audiovisuais, 1998.

XAVIER, Maria Francisco, MATEUS, Maria Helena Mira, *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa, Edições Comos s/d.

## **ANEXOS**

A melhor forma de casamento é a poligamia.

Comecemos por <sup>isso</sup> forma de casamento é poligamia isto é um polígamo não fica fêmeado se uma mulher dele negar cozinhar vai num<sup>a</sup> outra mulher.

Agora vejamos que um polígamo não sofre em nada quase isto é, ele controla a vida dele e a vida dos suas esposas e seus filhos, e um polígamo aumenta a sua família, porque cada mulher dele quer ter um filho com ele assim acrescenta a sua família ou seu tripo e um polígamo se controla muito bem por que não quer se meder mais com outras mulheres. As suas mulheres são capazes por ele. E um polígamo sabe fazer seus planos junto com as suas esposas por. Mas que recebe um salário suficiente. Um polígamo sabe cuidar bem dos seus filhos man tar na escola a direito de tudo.

Assim vejamos que um polígamo os filhos se estiverem a trabalhar todos estarão a trazer dinheiro para o pai. E um polígamo é respeitado com os seus filhos e esposas porque ele é que assume a vida total dos seus filhos e esposas.

Um homem polígamo vive em paz, isto é sabe economizar o que ele consegue, sabe dividir ambas coisas o mesmo valor. portanto monetário ou em produtos alimentares ou vestuário.

pode se concluir dizendo que um polígamo é um homem de família e é um economizador isto é assume a vida total dos seus filhos e esposas. o pouco que consegue sabe dividir para todas.

Nome: Casimiro Jorge Barreto



Escola Secundaria de Meconha Sede.  
 Aluno: Lázaro João 12ª classe Grupo A  
 Data: 19.02 de 2013

= Texto Expositivo Argumentativo =  
 A mulher form de casamento e  
A POLICAMIA É UMA TRAIÇÃO  
DAS MULHERES NO CASAMENTO  
E AUMENTA A POBREZA

No nosso país é mais frequente este tipo de casamento. A Policamia é abrangente nos países em via do desenvolvimento, principalmente com os pobres que comem como a vida normal, acham que o dinheiro que eles conseguem vai sobrar para toda vida. Eles casam-se com três (3) ou mais mulheres sabendo que não trabalham nem conseguem dinheiro para apastecer todos as mulheres para toda vida. Sabendo que cada mulher precisa de vestuários todos dias das festas e todo tipo de vestuário que está na moda. Nem só a mulher fica sozinho mas também com os filhos que precisam alimentar e estudar. Não é ele pode ~~nascem~~ cada mulher fazer filhos com cada mulher com mais de (cinco) filhos, pensa que ele vai conseguir criar vinte ou mais filhos? Assim é aumentar a pobreza ou diminuir? ou ainda vai desenvolver o país? ou é para aumentar a pobreza no país? Esse tipo de casamento é realizada com pessoas que não têm emprego.

Então tendo exemplo eu tenho um tio que participa esse tipo de casamento. E eu sempre pergundo porque casar com três (3) mulher ele fica sem boa resposta, só a querer defender não tira boa solução ou argumentar diz não conseguem casar com uma mulher porque não tem e também diz que não é ele só que se tendo encontrado no mundo a se fazer e diz que o tio que passou tinha (3) três mulher ele também tem que ter. Ele casar com qualquer mulher do costa a não perder.

O que acontece as mulheres não se considera, por cada uma delas acham que está a causar a outra.  
Onguardo num casamento desta não há ninguém que causa. É entre elas se culpam. e a culpa não está com nenhuma

Escola Secundária de Meconta - sede

Data: 19/02/2013

Nome: Celestino Francisco - 12ª classe - TAJ.

Texto Expositivo argumentativo com o seguinte título.

Casamento de um Polígamo.

Não existe mulher para casar.

Um Polígamo casa várias mulheres porque hoje em dia as mulheres não dá respeito com as pessoas, não Obedece ordem dos pais faz coisas quanto entender. Ser um polígamo é importante porque se Nervar-se com a primeira mulher vai neutra casar.

Não existe mulheres para casar porque as mulheres usam saias ~~curtas~~ curtas e andam superdescontroladas. Hoje em dia uma menina encontra com 13 anos enquanto tem 2 filhos.

Apanha ~~apanha~~ mulheres de mal tratada e comportada com os maridos e pais e também encontra meninas com 8 anos enquanto conhece Homem.

Mulher não ~~está~~ presta porque há aquelas falamos mal

ao pai que fala de que se demora-se me mais eu iria <sup>de raiva</sup> ~~eu~~ / que seja que lhe aconselham lhe mandar Dicas apanha com 2 homens ~~antes~~ o tempo de Paralelo sem pai não consegue distinguir o pai da Quela criança isso acontece.



Nome: Amisse G. Nimozo Kassul.

## A melhor forma de casamento Polígamo

Agora vejamos que forma de casamento é Polígamia

Porque um Polígamo nunca fiça fome do se uma mulher cozinhar vai na outra, e Polígamo não sofre quase em nada come tudo que ela quiser e um amado com as mulheres porque todas têm independência de lar filho com o tal Polígamo

Um Polígamo se controla bem e ~~as~~ suas mulher por mais que não esteja a um Polígamo é um respeitado do Estado um Polígamo é um respeitado na sociedade ou no bairro porque ele tem mais que uma mulher e assumir tudo na vida das suas esposas, não ficam preocupadas mais com uma outra mulher por que tem mais que uma mulher.

Um Polígamo é um homem que conseguem assumir a vida total dos seus filhos e das suas esposas.

Um Polígamo é respeitado e responsável pela toda vida dos seus filhos e suas filhas ele é encarregado de educação e todo lado e é demido com as suas esposas porque toda fazem bem para serem amadas e não serem divorciadas.

Em suma um Polígamo é responsável pela toda vida dos seus filhos e suas filhas ele é encarregado de educação.

Escola Secundária de Meconha  
 Data: 18/08/2013  
 Victorino Fernando  
 Aes de Português

### A MELHOR FORMA DE CASAMENTO É A Policonia

Casamento é uma melhoria de valorizar a nossa cultura que podemos utilizar e condições de vida importância que tem é por que as melhor em mais tempo em relação homem, através de vida e condições de vivência. Policonia tem importância que as pessoas utiliza na comunidade tradição colonial.

Casamento é uma melhoria de qualidade que é de criar família novo vantagem que podemos criar as casamento livre; por isso casamento Policonia.

As pessoas nas suportas das milhações deve ter muitas mulheres por que nunca vai li excessar. As que cada mulher vai respeitãr. casamento Policonia pode ser individualmente por pessoa outra e nunca responsabilidade de cada pessoa. tem a vantagem por que nos homens não temo tempo para a cozinha nem para lavar as nossas roupa, e



Nome Constantino Lorenzato

## A MELHOR FORMA DE CASAMENTO É POLIGÂMIA

Na minha óptica pessoal a Poligamia não é a melhor forma de casamento, isto porque hoje em dia não é fácil casar uma mulher dos seus sonhos, por exemplo no meu caso mulher dos meus sonhos é a que trabalha e faz respeito a mim e a minha família em geral.

Digo assim porque mulheres de hoje não respeitam os maridos, antigamente os noivos pais diziam que ter Poligamia é bom porque se uma de trata mal a outra de trata bem, se brigas com uma a outra de acalma. Mas que está acontecendo nesses dias é o contrário.

Ora vejamos todas mulheres estão viradas do mundo novo que é o mundo das discotecas, Kancalas e muito mais. Se é jovem tem que andar nas discotecas e beber e se é adulto tem que andar nas kancalas e automaticamente é lá onde a Viajens aumenta cada vez mais, agora figo confuso e chega a mi perguntar será que a Poligamia é a melhor forma de casamento?

E se calhar com as duas com o mesmo conforto - mento o que será do pobre homem? Vamos sofrer que elas bebem Valias e o tal homem não tem nenhum desses vícios será que vai aguentar?

Tantão a Poligamia não é a melhor forma de casamento vale a pena ter uma única mulher para melhor controlar as baralhadas.